

INSTITUTO POLITÉCNICO DE PORTALEGRE
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

MESTRADO EM JORNALISMO, COMUNICAÇÃO E CULTURA
2016/2017

**OS *MEDIA* E A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA – UMA
ANÁLISE À COBERTURA NOTICIOSA DA IMPRENSA
PORTUGUESA**

Mestrando

José Manuel Cascalho Moisés

Orientador

Professor Doutor Luís Bonixe

Janeiro

2018



JÚRIS DE AVALIAÇÃO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM JORNALISMO, COMUNICAÇÃO E CULTURA

MESTRANDO: José Manuel Cascalho Moisés

Título da Dissertação: “Os média e a violência doméstica: uma análise à cobertura noticiosa da imprensa portuguesa”

CONSTITUIÇÃO DO JÚRI:

PRESIDENTE: Prof. Doutor Abílio José Maroto Amiguinho

ARGUENTE: Prof^ª. Doutora Adriana Mello Guimarães

ORIENTADOR: Prof. Doutor Joaquim Luís Rodrigues Bonixe

DATA: 16 de abril de 2018

HORA: 14H30

LOCAL: Salão Nobre da ESECS



INSTITUTO POLITÉCNICO DE PORTALEGRE
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS



MESTRADO EM JORNALISMO, COMUNICAÇÃO E CULTURA
2016/2017

**OS MEDIA E A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA – UMA
ANÁLISE À COBERTURA NOTICIOSA DA IMPRENSA
PORTUGUESA**

Mestrando

José Manuel Cascalho Moisés

Orientador

Professor Doutor Luís Bonixe

Janeiro

2018

A principal finalidade do jornalismo é fornecer aos cidadãos a informação de que precisam para serem livres e se autogovernarem.

Bill Kovach

Tom Rosentiel

Mesmo onde reina a paz, a violência contra as mulheres persiste através do feminicídio, agressão sexual, mutilação genital feminina / excisão, casamento precoce e a violência através da Internet. Estas práticas traumatizam as vítimas e destroem os valores da sociedade.

Ban ki-moon,

Secretário-Geral das Nações Unidas

É inaceitável que continuem a morrer mulheres às mãos de namorados, companheiros, maridos, ex-namorados, ex-companheiros, ex-maridos.

Catarina Marcelino,

Secretária de Estado da Igualdade e da Cidadania

DEDICATÓRIA

A todas as vítimas de violência doméstica!

AGRADECIMENTOS

À minha mulher e companheira de todos os momentos, Ana Ventura. Foi quem mais me incentivou, apoiou e motivou para frequentar este Mestrado.

Às minhas filhas, Leonor e Isabel, e à minha sobrinha, Joana, a quem procuro sempre transmitir que com humildade, dedicação e empenho é possível atingirmos os nossos objetivos.

Aos meus pais, Maria José e Manuel Joaquim, sem os quais não teria sido possível frequentar o Mestrado.

A todos os Professores pelos ensinamentos, ajuda e apoio.

A todos, mesmo todos, aqueles que direta, ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho fosse possível.

E, por último, mas não menos importante, ao meu orientador, Professor Doutor Luís Bonixe, pelo permanente apoio, orientação, ajuda e conhecimentos que me transmitiu.

RESUMO

O presente trabalho de investigação está subordinado ao tema “Os *media* e a violência doméstica – uma análise à cobertura noticiosa da imprensa portuguesa”.

Com isto, pretende-se perceber de que forma a publicação de notícias sobre violência doméstica podem contribuir para a construção social da realidade, despertando consciências para este fenómeno, levando a que as vítimas se sintam mais confiantes e seguras em denunciar um tipo de crime que nos últimos anos tem sido objeto de debate e da adoção de diversas medidas, ao nível da prevenção e investigação criminal, assim como em criar instituições e infraestruturas que possam apoiar estas vítimas.

Para o efeito, procedeu-se à análise de notícias sobre o crime de violência doméstica num determinado período de tempo no Jornal *Correio da Manhã*, Jornal *Público*, Jornal *Expresso* e Revista *Sábado*, com o objetivo de perceber se a imprensa dá destaque a este fenómeno e de que forma o aborda.

Palavras-chave: Violência Doméstica; Jornais; Notícias; Público; Correio da Manhã; Expresso; Revista Sábado.

ABSTRACT

The present research work is subordinated to the theme "The *media* and domestic violence - an analysis of the news coverage of the Portuguese press".

With this, it is intended to understand how the publication of news about domestic violence can contribute to the social construction of reality, raising awareness for this phenomenon, leading victims to feel more confident and secure in denouncing a type of crime that in recent years has been the subject of debate and adoption of various measures in the area of crime prevention and investigation as well as in creating institutions and infrastructures that can support these victims.

For this purpose, news about the crime of domestic violence was analyzed in a period of time in *Correio da Manhã*, *Jornal Público*, *Jornal Expresso* and *Revista Sábado*, in order to understand if the press highlights this phenomenon and how you approach it.

Key words: Domestic violence; Newspapers; News; Public; Morning mail; Express; Saturday Magazine.

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

CIG – Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género

CRP – Constituição da República Portuguesa

OCS – Órgãos de Comunicação Social

OMA – Observatório de Mulheres Assassinadas

ONU – Organização das Nações Unidas

UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta

RASI – Relatório Anual de Segurança Interna

ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA	1
AGRADECIMENTOS	2
RESUMO	3
ABSTRACT	4
LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS	5
INDÍCE DE QUADROS	8
INTRODUÇÃO	9
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	13
1.1. JORNALISMO	15
1.1.1. Notícia	20
1.1.2. Valores Notícia	23
1.1.3. Construção Social da Realidade	25
1.1.4. Agenda-Setting	28
1.2. VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	33
1.2.1. Conceito	36
1.2.2. Enquadramento Legal	39
1.2.3. Tipologia	41
1.3. O PAPEL DO JORNALISMO NA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	42
2. METODOLOGIA	45
2.1. CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS DE ANÁLISE	50
2.1.1. Jornal <i>Correio da Manhã</i>	50
2.1.2. Jornal <i>Público</i>	50
2.1.3. Jornal <i>Expresso</i>	51
2.1.4. Revista <i>Sábado</i>	51
3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	53
3.1. Número de itens de violência doméstica	53
3.2. Número de notícias de violência doméstica publicadas na 1.ª página	54
3.3. Presença na 1.ª página	55
3.4. Género jornalístico	56
3.5. Tipo de violência doméstica e tratamento jornalístico	58
CONCLUSÕES	61
BIBLIOGRAFIA	67
Anexo 1 – Pedido de Entrevista a Instituições (APAV; CIG; UMAR)	71

Anexo 2 – Pedido de Entrevista a OCS (Correio da Manhã; Público; Expresso; Sábado)	
-----	73
Anexo 3 – Guião de Entrevista a Instituições (APV; CIG; UMAR)	75
Anexo 4 – Guião de Entrevista a OCS (Correio da Manhã; Público; Expresso; Sábado)	
-----	76
Anexo 5 - Quadros registo recolha dados análise notícias violência doméstica nos OCS	
-----	77

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro I – N.º de Itens de Violência Doméstica publicados no <i>Correio da Manhã</i> , <i>Público</i> , <i>Expresso</i> e <i>Revista Sábado</i> , nos meses e dias indicados no quadro -----	53
Quadro II – N.º de Itens de Violência Doméstica publicados no <i>Correio da Manhã</i> , <i>Público</i> , <i>Expresso</i> e <i>Revista Sábado</i> , nos meses e dias indicados no quadro -----	54
Quadro III – N.º de notícias de violência doméstica publicadas na 1.ª página no <i>Correio da Manhã</i> , <i>Público</i> , <i>Expresso</i> e <i>Revista Sábado</i> , nos meses indicados no quadro-----	55
Quadro IV – Total tipo 1.ª página nos meses de DEC16, JAN e FEV17 -----	56
Quadro V – Total género jornalístico nos meses de DEC16, JAN e FEV17 -----	58
Quadro VI – Tipo VD versus Tratamento Jornalístico <i>Correio da Manhã</i> , nos meses em estudo -----	59
Quadro VII – Tipo VD versus Tratamento Jornalístico <i>Público</i> , nos meses em estudo -----	60
Quadro VIII – Tipo VD versus Tratamento Jornalístico <i>Expresso</i> , nos meses em estudo ---	61

INTRODUÇÃO

No âmbito da estrutura curricular do Mestrado de Jornalismo, Comunicação e Cultura, surge a presente dissertação subordinada ao tema “OS MEDIA E A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA – UMA ANÁLISE À COBERTURA NOTICIOSA DA IMPRENSA PORTUGUESA”.

Esta investigação científica pretende interligar os conhecimentos aprendidos ao longo da estrutura curricular do Mestrado no que respeita ao jornalismo, com um fenómeno que tem vindo a marcar a nossa sociedade, face ao número considerável de situações de violência doméstica, por vezes com resultados trágicos para as vítimas.

Assim, pretende-se investigar de que forma as notícias de violência doméstica podem servir para que a sociedade esteja mais desperta para este fenómeno, para que as vítimas possam eventualmente possuir mais informação sobre este tipo de criminalidade e, por essa via, denunciem os crimes cometidos sobre elas, bem como contribuir para que a sociedade esteja atenta a estas situações e possa dar um contributo decisivo para prevenir e combater um tipo de crime que anualmente é responsável por diversas mortes.

O trabalho iniciou-se com um estudo documental a fim de compreender o que é o jornalismo e a violência doméstica. De seguida, procedeu-se à seleção de notícias de violência doméstica em 2 jornais diários, 1 jornal semanal e 1 revista semanal com o objetivo de efetuar o estudo das mesmas.

Pretende-se, assim, com a presente introdução traçar uma visão geral do trabalho realizado. Inicia-se com o tema do trabalho, seguido da pergunta de partida e do objeto de estudo.

Por fim, apresenta-se a estrutura do trabalho.

O fenómeno da “violência doméstica” é, atualmente, tema central nas sociedades modernas, constituindo-se Portugal um dos países da Europa e do Mundo que se encontra mais consciencializado para esta problemática. Para além do trabalho efetuado por inúmeras Instituições governamentais e não-governamentais, os *media* têm vindo a dar destaque e visibilidade ao tema. Quase diariamente os *media* abordam nos seus espaços noticiosos esta problemática, conseguindo transmitir à sociedade a importância e dimensão do problema.

Por esta forma, tem vindo a constatar-se paulatinamente que, atualmente, os *media* demonstram mais interesse, comprometendo-se em dar visibilidade à temática dos maus-tratos no espaço da conjugalidade. Existem, hoje, uma panóplia de meios de comunicação aos quais os cidadãos podem aderir para se informarem e, também, agirem no que concerne

a esta questão. A abundância de páginas da net dedicadas a este tema é um bom exemplo disto mesmo.

As instituições com responsabilidade nesta área têm efetuado diversos esforços para erradicar o problema, quer em termos de produção e alteração dos normativos legais existentes, mas ainda com campanhas de sensibilização. Contudo, e apesar dos avanços já conseguidos, o quotidiano noticioso traz-nos novos casos de maus-tratos e mortes, quase sempre de mulheres, e ainda não houve um decréscimo significativo do número de casos de violência doméstica. Pelas contas do Observatório de Mulheres Assassinadas (OMA) no ano de 2016¹, um projeto da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) baseado nas notícias publicadas nos jornais, podemos concluir, em síntese, o seguinte:

- Registam-se um total de 53 femicídios: 22 consumados e 31 na forma tentada, numa média de 4 mulheres vitimadas por mês.
- Os registos do OMA identificam no período de 12 (doze) anos, um total de 988 femicídios: 454 consumados e 534 tentados.

E estes são apenas os números em que as vítimas são mulheres, aos quais ainda haverá a somar os crimes de violência doméstica em que as vítimas são homens, mas que sendo uma realidade que ainda começa a despontar não foram encontrados estudos específicos desta realidade. Ainda assim, os números acima referidos são brutais, e que fazem discutir da eficácia das medidas tomadas! Por tudo isto, e no âmbito desta disciplina, pareceu-nos deveras interessante abordar o tema da violência doméstica e o tratamento que os *media* lhe dedicam, isto porque, no mundo em que vivemos, estes desempenham um papel de grande relevo no processo de socialização. É importante, por isso, indagar de que forma os *media*, em particular os jornais, tratam um tema desta dimensão e interesse.

A presente investigação pretendeu essencialmente dar resposta à seguinte pergunta de partida:

“De que forma a imprensa portuguesa trata os diferentes tipos de violência doméstica, considerando a relevância e a visibilidade pública que lhe é atribuída através do tratamento jornalístico?”

“O ponto de partida para a elaboração e formulação adequada de uma problemática, em sede de investigação científica, corresponde à tarefa de fazer um balanço relativamente às diferentes perspetivas possíveis de abordar um dado fenómeno, equacionar os seus

¹ http://www.umarfeminismos.org/images/stories/oma/2016/Relat%C3%B3rio_Final_OMA_2016.pdf, acessado em 30 de janeiro de 2018

pressupostos e promover a comparação entre os mesmos, ponderando as implicações que possam resultar em termos de metodologia a seguir.” (Quivy & Campenhoudt, 2008).

Com este estudo, pretendemos essencialmente perceber de que modo é efetuado o tratamento jornalístico da temática da violência doméstica. Por um lado, através da seleção de dois jornais diários, um jornal semanário e uma revista, verificar se num determinado período de tempo são publicadas notícias de violência doméstica e, em caso afirmativo, identificar se a notícia surge na 1ª página do jornal, em que termos, e de que forma é a notícia abordada no interior do jornal, analisando os diversos aspetos focados nessa notícia e que tenham interesse para o presente estudo.

Uma das áreas em destaque no Mestrado de Jornalismo, Comunicação e Cultura, e tratado com pormenor ao longo do mestrado, são os aspetos relacionados com o jornalismo, e a forma como os jornalistas contribuem para a construção social da realidade, dando visibilidade pública aos acontecimentos, selecionando uns aspetos em detrimento de outros.

A pertinência do tema é, por isso, elevada, na medida em que nos parece que a sociedade está cada vez mais desperta para esta problemática, podendo a forma como os jornais falam da violência doméstica contribuir para despertar consciências e alterar comportamentos.

A presente investigação é composta por 3 capítulos, além da Introdução e Conclusão, que se apresentam brevemente de seguida.

A “INTRODUÇÃO” apresenta o tema a ser estudado, a pergunta de partida, os objetivos e objeto de estudo da investigação e as principais motivações para o seu desenvolvimento.

O Capítulo 1 – “ENQUADRAMENTO TEÓRICO” - enquadra e dá corpo ao tema escolhido e aos conceitos subjacentes. São analisados os conceitos da violência, da tipificação do crime de violência doméstica e da sua tipologia. Abordamos, também, os aspetos relacionados com os jornais, os jornalistas e as notícias, os valores notícia, a teoria da *agenda-setting* e a violência doméstica nos *media*. No final identificamos os conceitos centrais da presente investigação e as hipóteses de estudo.

O Capítulo 2 – “METODOLOGIA” – detalha as opções metodológicas adotadas nas diversas fases da investigação, nomeadamente a análise de conteúdo e a entrevista.

O Capítulo 3 – “ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS” – mostra os resultados obtidos, através da apresentação dos dados recolhidos através das grelhas construídas para efetuar a análise de conteúdo.

As “CONCLUSÕES”, além de referirem as principais linhas do quadro teórico de suporte a esta dissertação, analisam a metodologia escolhida e faz uma breve abordagem às conclusões obtidas através da análise de dados apresentadas no capítulo anterior. Procura ainda fazer uma reflexão sobre o estudo efetuado e apresentar algumas linhas de estudo para futuras investigações sobre este tema.

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Com o final da 2.^a Grande Guerra Mundial, inicia-se uma nova era, em especial nos países do mundo ocidental, em que um dos princípios orientadores da sociedade consiste em defender que todas as pessoas têm direito a um mínimo de respeito pela sua dignidade e direitos enquanto tal.

A Organização das Nações Unidas (ONU) tem-se constituído como uma das principais organizações em estabelecer e defender os direitos de todos os seres humanos, e em que os diversos movimentos que foram sendo criados a partir do surgimento da ONU têm tido um papel fundamental.

O trabalho diário desses movimentos ao longo de dezenas de anos, têm conseguido alterar mentalidades e levar a que os Estados produzam alterações legislativas e desenvolvam projetos que em muito têm contribuído para a igualdade de direitos e para a defesa das vítimas de crimes, em especial o de violência doméstica.

Como resultado deste trabalho, foram produzidos diversos documentos que visam a definição de direitos gerais que assistem às vítimas, a sua defesa e proteção, enunciando de seguida aqueles que nos parecem mais relevantes e importantes destacar:

- A Carta Universal dos Direitos Humanos, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948 – que inclui a Declaração Universal dos Direitos Humanos e o Pacto Internacional dos Direitos Cívicos e Políticos e dos Direitos Económicos, Sociais e Culturais – onde se enumeram direitos humanos básicos, estabelecendo, assim, os direitos gerais que assistem às vítimas;
- A Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres, de 1979;
- A Convenção para a Eliminação da Violência Contra a Mulher, concluída em Viena em 1993;
- A Resolução do Parlamento Europeu sobre a necessidade de desenvolver na União Europeia uma campanha de recusa total de violência contra as mulheres, de 1997;
- A Convenção para os Direitos da Criança;
- A Declaração dos Princípios Básicos de Justiça para Vítimas de Crime e Abuso de Poder.

“Mais recentemente, em 1992, a Comissão para o Estatuto da Mulher (órgão da ONU) preparou uma declaração sobre a eliminação da violência contra as mulheres, na qual se reconhecia a urgência em aplicar a todas as mulheres os direitos e princípios de igualdade, segurança, liberdade, integridade e dignidade, garantidos na Carta Internacional dos Direitos Humanos, sendo enumeradas várias medidas que os Estados deveriam introduzir para acabar com todas as formas de violência sobre as mulheres, especialmente a doméstica.” (DGS, 2003).

Antes do 25 de abril de 1974, às mulheres em Portugal não eram reconhecidos um conjunto de direitos. Apenas o homem, enquanto chefe de família, podia tomar determinadas decisões, como por exemplo em relação à vida conjugal e aos filhos. A Constituição de 1976 veio trazer para homens e mulheres os mesmos direitos de igualdade na família, no trabalho e na sociedade.

Atualmente, a Constituição da República Portuguesa (CRP) preconiza, na alínea b) do seu art.º 9º, entre as tarefas fundamentais do Estado, a de “garantir os direitos e liberdades fundamentais e o respeito pelos princípios do Estado de direito democrático”, assim como na sua alínea h), a de “promover a igualdade entre homens e mulheres”. O princípio da igualdade (art.º 13º) e o direito à integridade pessoal (art.º 25º) e outros direitos pessoais (art.º 26º) reforçam estas normas.

Apesar dos normativos que a Constituição prevê, os quais deviam só por si ser um garante de direitos e liberdades fundamentais, a verdade é que a realidade se revela bem mais complexa do que a lei define, como se comprova pela crescente atenção que é dada ao fenómeno da violência doméstica.

No quadro legal, surge assim o I Plano Nacional Contra a Violência Doméstica, em Anexo à Resolução do Conselho de Ministros (RCM) n.º 55/99 de 15 de junho (Diário da República n.º 137 - IB, de 15/6/99), o qual constitui o primeiro documento formalmente abrangente e com carácter intersectorial, prevendo a introdução de medidas a requerer colaboração transversal entre diversos organismos públicos. Presentemente, estamos perante a vigência do V Plano Nacional (2014-2017) contra a violência doméstica, o que nos parece ser bastante revelador da importância e necessidade da existência deste documento na prevenção deste tipo de crime, assim como na proteção das vítimas, entre outras medidas.

“O V Plano Nacional de Prevenção e Combate à Violência Doméstica e de Género procura delinear estratégias no sentido da proteção das vítimas, da intervenção junto de agressores(as), do aprofundamento do conhecimento dos

fenómenos associados, da prevenção dos mesmos, da qualificação dos(as) profissionais envolvidos(as) e do reforço da rede de estruturas de apoio e de atendimento às vítimas existente no país. Para a prossecução destes objetivos são ainda convocados os órgãos da administração local, as organizações da sociedade civil e as próprias empresas para que, numa união de esforços, se caminhe no sentido da erradicação da violência doméstica e de todo o tipo de violência de género no país.”²

Tendo como referência o Relatório Anual de Segurança Interna (RASI) 2016, documento que publica a estatística oficial no tocante à criminalidade registada em Portugal, constatamos que o crime de violência doméstica foi o 2.º com mais participações criminais (2015 – 22469 crimes; 2016 – 22773 crimes) no conjunto da criminalidade geral, logo a seguir ao crime de ofensas à integridade física voluntária simples (2015 – 23720 crimes; 2016 – 23173 crimes) e acima dos crimes englobados no grupo dos crimes contra o património. (RASI, 2016: 10)

Estes dados são reveladores da dimensão e importância deste fenómeno, o qual apresenta um número de participações criminais muito relevante e que deve merecer atenção e preocupação permanente. Foi também este um dos motivos porque nos propusemos efetuar este estudo.

Como iremos ver, e é comumente aceite no mundo ocidental, o acesso à informação nas sociedades democráticas faz parte dos pilares que sustentam os princípios porque se regem estas democracias. Sendo o acesso à informação um direito constitucionalmente previsto nestas sociedades, as notícias são genericamente socialmente relevantes, pelo que o jornalismo e a atividade jornalística contribuem para a construção social da realidade, através do agendamento de determinados temas em detrimento de outros, para a publicação de determinado tipo de notícias e forma como são abordadas e ainda para o destaque público que lhes é dado.

1.1. JORNALISMO

“Segundo Mitchell Stephens (1988: 34), quando os antropólogos começaram a comparar notas sobre as poucas culturas primitivas que restavam no Mundo, descobriram algo inesperado. Das sociedades tribais mais isoladas de África até às mais remotas ilhas do Pacífico, as pessoas partilhavam essencialmente a mesma definição do que é notícia. Ao longo da História e em diferentes culturas (...), os homens têm partilhado uma

² <https://www.cig.gov.pt/planos-nacionais-areas/violencia-domestica/> acedido em 01 de Abril de 2017

mistura idêntica de notícias”, escreveu o historiador.” (in Kovach e Rosentiel, 2004: 5)

E os estudos dos historiadores mostram que os valores básicos da notícia se têm mantido constantes ao longo dos tempos. Para transmitir as notícias, eram escolhidas pessoas que conhecessem bem o terreno e se conseguissem deslocar com facilidade e agilidade, fossem precisas e rigorosas na recolha de notícias e as transmitissem para que despertasse interesse nos ouvintes. (Kovach e Rosentiel, 2004)

Esta análise antropológica, sociológica e histórica mostra-nos que ao longo da humanidade as notícias fazem parte dos aspetos mais básicos do ser humano, constituindo uma necessidade que nos acompanha em todos os momentos. (Kovach e Rosentiel, 2004)

Segundo H. Molotch e M. Lester (1974) “As pessoas sentem uma necessidade intrínseca – instinto – de saber o que se passa para além da sua própria experiência direta.” (in Kovach e Rosentiel, 2004: 5).

Uma das principais preocupações do ser humano prende-se com a segurança, a qual sai reforçada se tivermos um conhecimento dos acontecimentos que nos rodeiam, os quais muitas vezes nos chegam por contato com as pessoas com quem nos relacionamos, numa interação permanente que estabelecemos nas conversas que mantemos uns com os outros. E a sensação de segurança é fundamental para vivermos de forma serena e tranquila (Kovach e Rosentiel, 2004)

“Precisamos de notícias para vivermos, para nos protegermos, para criarmos laços, para identificarmos amigos e inimigos. O jornalismo é, simplesmente, o sistema concebido pelas sociedades para fornecer estas notícias. É por isso que nos preocupamos com o tipo de notícias e o jornalismo que temos: estes elementos influenciam a qualidade das nossas vidas, os nossos pensamentos e cultura.” (Kovach e Rosentiel, 2004: 6)

As notícias acompanham-nos ao longo dos séculos, ainda que sem termos a precisão do conceito. A transmissão dos acontecimentos foi sempre fundamental para que as sociedades pudessem saber em cada momento o que se passava em seu redor, o que sucedia e podia influenciar a sua vivência e até mesmo a sua sobrevivência enquanto povo.

“O escritor Thomas Cahill (2010), autor de vários livros de sucesso sobre a história da religião, expressou esta ideia da seguinte forma: é possível conhecer “a

mundividência de um povo (...), os seus medos e desejos invisíveis (...), através das histórias de uma cultura”. (in Kovach e Rosentiel, 2004: 6)

Podemos dizer, por isso, que as notícias têm um papel fundamental no dia-a-dia das pessoas, permitindo-nos estar permanentemente informados e, dessa forma, dispormos de informação suficiente para sabermos qual o caminho a seguir perante as determinadas situações com que somos confrontados. E o jornalismo faz chegar esta informação a todos os cidadãos, dando a conhecer às pessoas as circunstâncias que constituem uma determinada comunidade, “obrigando” a que sejam tomadas certas medidas e que aqueles que têm menos recursos ou conhecimentos possam também ter voz. (Kovach e Rosentiel, 2004)

“Quero dar voz aos que precisam de falar (...), àqueles que não têm poder”³ (in Kovach e Rosentiel, 2004: 16)

James Carey (1997), um dos fundadores do Committee of Concerned Journalists, escreveu: “No final de contas, talvez o jornalismo signifique pura e simplesmente manter e amplificar a conversação das próprias pessoas”. (in Kovach e Rosentiel, 2004: 16)

Através do jornalismo é possível fazer chegar a todas as pessoas informação sobre tudo o que sucede no mundo, veicular opiniões, reflexões, tomadas de posição sobre os diversos assuntos.

“A ânsia de notícias é um instinto básico do ser humano; é o que designamos por “instinto de conhecimento”. As pessoas precisam de saber o que se passa para lá da rua, de tomar conhecimento de eventos que se passam para além da sua própria existência direta. Conhecer o desconhecido transmite-lhes segurança, permite-lhes planear e administrar as suas vidas. Este intercâmbio de informações transforma-se na base para a criação da comunidade, através do estabelecimento de laços humanos.” (Kovach e Rosentiel, 2004: 19)

Este instinto do conhecimento leva as pessoas a querer saber cada vez mais e a ter uma intervenção crítica perante os acontecimentos. Através do jornalismo, as pessoas adquirem a possibilidade de se fazer ouvir, visto que lhes é permitido participar em programas de rádio, televisão, escrever artigos de opinião ou comentários pessoais em colunas. Isto permite-lhes debater diversos assuntos. Naturalmente que este debate tem que se basear em princípios de verdade e

³ Yuen Ying Chan, entrevista de Damo et al.

confirmação dos factos, pois de outra forma será apenas baseado em suposições e preconceitos que em nada contribuem para o aprofundar do conhecimento podendo ainda provocar reações eventualmente violentas das pessoas perante determinados factos. Os principais problemas da sociedade devem ser o principal alvo e preocupação deste tipo de debate, por serem transversais à maioria da sociedade e de onde poderão resultar soluções para a sua resolução. (Kovach e Rosentiel, 2004)

“O jornalismo pode ser definido como um campo (Berger, 1998; Ferreira, 2002), relacionado a outros campos. Também pode ser compreendido como uma forma social de conhecimento (Genro Filho, 1987), cujo primeiro objetivo é oferecer o presente social (Gomis, 1991; Franciscato, 2005; Karam, 2005), reconstruindo quotidianamente os eventos que dizem respeito ao homem, suas atividades, criações, interesses e equívocos. Segundo Karam (2004: 37, grifos do autor),

“[...] há o reconhecimento [...] de que a atividade jornalística e o profissional de jornalismo permitem à humanidade, potencialmente, ou seja, como possibilidade, o conhecimento público, enorme, imediato, periódico — em períodos cada vez mais curtos — e planetário das coisas que ela mesma produz, segundo critérios como interesse público ou relevância social.”

O Jornalismo pretende contar o que sucede na sociedade a todas as pessoas que a constituem tendo como principal objetivo fazer-lhes chegar todos os elementos e dados, em suma, a informação necessária para que possam entender e perceber melhor o mundo que as envolve.

“O primeiro desafio é encontrar a informação de que as pessoas necessitam para viverem as suas vidas. O segundo é conferir-lhe um significado e torna-la relevante e envolvente.” (Kovach e Rosentiel, 2004: 153)

Para melhor percebermos de que forma o jornalismo pode ter implicações na sociedade e na forma como as pessoas percebem os diversos acontecimentos pela forma como as notícias lhes são transmitidas, é essencial compreender as principais teorias que defendem que as notícias são fundamentais na construção social da realidade.

“Com o surto da investigação académica sobre o jornalismo a partir dos anos 60 e 70, marcada por novas interrogações e por inovações metodológicas, emergem duas teorias que partilham o novo paradigma das notícias como construção social: a teoria estruturalista e a teoria interacionista. São sobretudo complementares, mas divergem nalguns pontos importantes. Ambas rejeitam a teoria do

espelho e criticam o empirismo dos jornalistas. Consideram as notícias como o resultado de processos complexos de interação social entre agentes sociais. As duas teorias sublinham a importância da cultura jornalística, nomeadamente a estrutura dos valores notícia dos jornalistas, a ideologia dos membros da comunidade, as rotinas e procedimentos que os profissionais utilizam para levar a cabo o seu trabalho. Contestam assim a visão de que os jornalistas são observadores passivos e defendem a posição de que, pelo contrário, são participantes ativos na construção da realidade. Consideram ainda que, como construção, as notícias são narrativas, estórias marcadas pela cultura dos membros da tribo e pela cultura da sociedade onde estão inseridos.” (Traquina, 2001: 51-52)

Esta análise suscita questões quanto ao papel que os *media* efetivamente têm na sociedade, em particular num país como Portugal, que apesar do desenvolvimento que se tem verificado nos últimos anos, ainda apresenta alguns indicadores abaixo de diversos países da Europa. Um jornalista poderá assim ter uma função social determinante na construção social da realidade, através do trabalho que desenvolve, fazendo chegar às pessoas informação sobre as mais diversas áreas da sociedade, em especial daquilo que são os principais assuntos e tendências do país.

Tem assim um papel fundamental na permanente busca, procura e recolha de informação, avaliando em cada momento os acontecimentos e percebendo aqueles que podem ser relevantes para a sociedade em que está inserido. É, por isso, um trabalho de enorme responsabilidade o qual deverá ser norteado por princípios éticos e morais, no âmbito das normas deontológicas da sua profissão. (Correia, 1997)

"Os jornalistas têm óculos especiais a partir dos quais veem certas coisas, e não outras. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado". (Bourdieu, 1997: 25)

E é este trabalho diário de observação do que se passa na sociedade que é essencial para o jornalista, procurando selecionar os acontecimentos que possam despertar a atenção das pessoas para aquilo que é importante discutir como forma de ir construindo uma sociedade mais equilibrada e segura.

“Os jornalistas devem manter as notícias proporcionadas e abrangentes. Na época dos descobrimentos, a cartografia tinha tanto de arte como de ciência. Os homens que se debruçavam sobre o pergaminho e desenhavam imagens do mundo em expansão conseguiam desenhar com bastante precisão a Europa e mesmo os mares circundantes. Contudo, à medida que se deslocavam

para ocidente, para o Novo Mundo de regiões que alimentavam o imaginário comum, baseavam-se sobretudo em suposições. O jornalismo é a moderna cartografia. Cria um mapa que permite aos cidadãos navegarem na sociedade. Essa é a sua utilidade e a sua razão de ser em termos económicos. Este conceito de cartografia ajuda a esclarecer quais os temas que o jornalismo tem obrigação de cobrir. Tal como acontece com qualquer mapa, o valor do jornalismo depende do facto de ser completo e proporcionado.” (Kovach e Rosentiel, 2004: 170-171)

Um dos aspetos essenciais do jornalismo é reportar os acontecimentos de forma precisa, fidedigna e fiável. De outra forma, ainda que no imediato possa criar algum sensacionalismo, rapidamente a verdade dos fatos será do conhecimento das pessoas e o jornalismo ficará descredibilizado.

“Os jornalistas que dedicam demasiado tempo e espaço a um julgamento sensacionalista ou a um escândalo com celebridades, sabendo que este tipo de notícias não o merece – e o fazem apenas porque acham que será vendável –, são como os cartógrafos que desenhavam a Inglaterra ou a Espanha do tamanho da Gronelândia por uma questão de popularidade. Alcançarão algum sucesso económico a curto prazo, mas estarão a enganar o viajante e a destruir a credibilidade do cartógrafo. O jornalista que escreve aquilo “que sabe que é verdade”, sem verificar primeiro, é como o artista que desenha monstros marinhos nos longínquos cantos do Novo Mundo. Um jornalismo que, neste processo, exclui a parte das notícias é como o mapa que não indica ao viajante todas as estradas alternativas que existem no percurso. Pensar no jornalismo como cartografia ajuda-nos a perceber como a proporção e a abrangência são fulcrais para o rigor. Este princípio ultrapassa a simples notícia. Uma primeira página ou noticiário que seja divertido e interessante, mas que não contenha algo minimamente significativo, é uma distorção da realidade.” (Kovach e Rosentiel, 2004: 170- 171)

1.1.1. Notícia

Notícia é a parte da comunicação que nos mantém informados das alterações nos acontecimentos, questões e personagens do mundo exterior. Os historiadores sugerem que, antigamente, os governantes utilizavam as notícias para manter a coesão das sociedades, uma vez que conferiam uma sensação de união e de partilha de objetivos. Ajudaram mesmo alguns tiranos a controlar os seus povos, unindo-os sob uma ameaça comum. (Kovach e Rosentiel, 2004)

Como resulta do que já abordamos no capítulo anterior, o papel dos jornalistas, enquanto agentes ativos na sociedade, e não observadores passivos, na produção e difusão de notícias é determinante na organização do quotidiano, na visibilidade pública que atribuem aos acontecimentos e na construção social da realidade, a qual não pode ser dissociada do trabalho de exclusão, seleção ou relevo dado a determinado aspeto do acontecimento. (Tuchman, 1978)

Segundo Michael Schudson (1988), poderão existir três categorias nos vários tipos de explicações para o facto de as notícias serem como são: ação pessoal, ação social e ação cultural. Estas explicações poderão indicar quais as razões que levam os jornalistas a elaborar as notícias de uma determinada maneira, e não doutra.

No tocante à teoria da ação pessoal, o foco é feito na importância que as origens sociais, ou a forte personalidade dos diferentes agentes jornalísticos – diretores; editores, proprietários e jornalistas – podem ter na elaboração das notícias. Já na teoria da ação social, o papel decisivo está nas organizações que as pessoas integram.

“Para os teóricos da ação cultural, a notícia é encarada não tanto como uma construção social, um artefacto produzido por grupos sociais, mas como um texto cultural, um artefacto que involuntariamente se apoia ou faz uso de padrões culturais de uma determinada sociedade revestem-se, nesta perspectiva, por intermédio da teoria literária e da antropologia, da maior importância para a explicação dos textos noticiosos.” (Correia, 1997: 125-126)

A forma como surgem as notícias, assim como o seu conteúdo são influenciadas por diversos fatores, entre os quais a ação que os vários atores da sociedade podem exercer sobre elas. As notícias são como são em função das características pessoais e profissionais dos próprios jornalistas face aquilo que lhes é transmitido pelas fontes, ou por força das organizações que integram, ou ainda em função do contexto cultural da sociedade onde estão inseridos.

“Se, na perspectiva da ação pessoal, as notícias dependem do que as fontes dizem, da forma como pessoas poderosas atuam sobre os new media (querendo lucro ou a promoção de determinados pontos de vista e a secundarização de outros, etc.; estas ideias sobre a influência da ação pessoal muitas vezes orbitam em torno das chamadas teorias da conspiração) ou da maneira como os jornalistas e seus chefes percebem, avaliam, selecionam e

transformam a matéria-prima informativa em notícias, na perspectiva da ação social, para além desses fatores, há a considerar que, frequentemente, os produtos de uma organização podem “(...) ser mais a consequência não planeada de um pequeno número de pequenas escolhas do que o resultado de um pequeno número de decisões críticas”. (Schudson, 1988: 22)

Teremos por outro lado que relacionar os aspetos dependentes daquilo que as fontes dizem – ação pessoal – com a cultura e a ideologia do meio em que estão inseridas – meio social – por ser um fator importante na forma como os elementos que são selecionados e avaliados são transformados em notícias.

“As limitações explicativas da ação pessoal e da ação social seriam, na versão de Schudson (1988: 24), ultrapassadas pela adição da ação cultural – as notícias seriam vistas não apenas como um produto das pessoas ou um artefacto que, mesmo que involuntariamente, se apoia e faz uso de padrões culturais pré-existentes para ser feito e para produzir sentido (por exemplo, na nossa cultura, notícia é, de alguma forma, o que é novo, a resposta à questão “que novidades há?” (in Sousa, 2000: 41)

Mas não podemos considerar que o conteúdo das notícias se esgota numa manifestação de cultura, na medida em que os conteúdos dos *new media* também têm um papel importante na construção cultural.

Segundo Shoemaker e Reese (1996: 60),

“os media tomam até elementos da cultura, reenquadram-nos, relevam-nos e remetem-nos para a audiência após este processo de mediação, impondo, assim, a sua própria lógica na criação de um ecossistema simbólico. Para os autores, se a cultura muda, se se adapta e evolui, os conteúdos mediáticos podem funcionar quer como catalisadores, quer como travões de mudança. Por exemplo, neste último campo, o conteúdo dos media poderia tomar as piores características da sociedade, disseminá-las e, por consequência, fortalecê-las, tornando a mudança difícil. Além disso, numa abordagem mais estruturalista, as representações sociais patentes nos conteúdos mediáticos, podendo refletir as relações de poder existentes na sociedade, poderiam também levar a que dificilmente outros tipos de relacionamento fossem concebíveis.” (in Sousa, 2000: 41)

Daqui resulta que nem todos os factos se transformam em notícia ou constituem aspetos determinantes para a construção social da realidade, podendo inclusive existir situações em que aquilo que o jornalista pretende transmitir não

constitua aquilo que o consumidor tenha efetivamente compreendido. (Sousa, 2000)

1.1.2. Valores Notícia

Um elemento essencial para a definição de noticiabilidade são os chamados *valores-notícia*, definidos por Golding e Elliot (1979) como “qualidades dos acontecimentos, ou da sua construção jornalística, cuja presença ou cuja ausência os recomenda para serem incluídos num produto informativo”, de tal modo que “quanto mais um acontecimento exiba essas qualidades, maiores são as suas possibilidades de ser incluído”⁴. Sendo simultaneamente qualidades dos *acontecimentos* e da sua *construção jornalística*, os valores notícia aplicam-se em todas as fases da atividade jornalística, ou seja, na recolha, na seleção, na elaboração e na apresentação da informação⁵. A invocação e aplicação dos valores-notícia surgem quando se avalia a noticiabilidade do acontecimento, ao apreciar se as suas características o tornam ou não merecedor de ser notícia: mas prossegue em todo o restante percurso da atividade jornalística, até à apresentação e edição dos noticiários. Prossegue mesmo até mais longe: o peso e a influência dos valores-notícia prolonga-se para o próprio público, o qual, contagiado e estimulado pelos critérios dominantes, acaba, em muitos casos, na sua avaliação da informação, por se socorrer desses mesmos critérios – e até exigí-los aos próprios *media*. (in Correia, 1997: 137)

Mas como poderemos definir quais os assuntos com interesse público ou relevância social.

Os acontecimentos são transformados em notícias pelo sistema jornalístico. Segundo Rodrigues (1988), a notícia

“seria mesmo um meta-acontecimento, um acontecimento que se debruça sobre outro acontecimento, sendo acontecimento por ser notável, singular e potencial fonte de acontecimentos notáveis. Notícia e acontecimento estariam, aliás, interligados. Muitas vezes, a própria notícia funciona como acontecimento suscetível de desencadear novos acontecimentos.” (in Sousa, 2000: 29)

⁴ P. Golding e P. Elliot, in WOLF, Mauro, *Teorias da Comunicação*, p. 174

⁵ Sobre as diversas classificações possíveis destas fases, ver, por exemplo, GAILLARD, Philippe, *O Jornalismo*, p. 25, CRATO, Nuno, *Comunicação Social. A Imprensa*, p. 88, RICARDO, Daniel, *Manual do Jornalista*, p. 11, NIBLOCK, Sarah, *Inside journalism*, p.9

Seguindo a denominação “tradicional” anglo-saxónica extraída dos conhecimentos de rotina dos jornalistas (Tuchman, 1978), as notícias podem subdividir-se em *hard news* (notícias “duras”, respeitantes a acontecimentos) e *soft news* (notícias “brandas”, referentes a ocorrências sem grande importância e que, geralmente, são armazenadas e apenas difundidas quando tal é conveniente para a organização noticiosa). As *hot news*, notícias “quentes”, seriam aquelas que, sendo *hard news*, se reportam a acontecimentos muito recentes. As *spot news* são as notícias que dizem respeito a acontecimentos imprevistos. Finalmente, as *running stories* são notícias em desenvolvimento. Em consonância com Denis McQuail (1991:263), também podemos distinguir notícias programadas (como as notícias resultantes do serviço de agenda) de notícias não programadas (notícias sobre acontecimentos inesperados) e de notícias fora do programa (geralmente *soft news* que não necessitariam de difusão imediata). De qualquer modo, toda a notícia é notícia de determinada maneira devido à ação enformadora de uma série de forças, que, como vimos, poderão, parece-nos, ser categorizadas numa ação pessoal, numa ação social, numa ação ideológica, numa ação cultural e numa ação física e tecnológica, sem esquecermos que essas ações não são estanques e admitem várias submodalidades, como a forma conformadora da história, que se faria sentir, sobretudo, ao nível sociocultural, ou a forma conformadora da economia, quer a um nível sócio organizacional quer ao nível social mais abrangente dos mercados. (Sousa, 2000)

“Os processos de *news making* ocorrem num sistema sociocultural. Intuitivamente, podemos mesmo afirmar que o processo de fabrico e construção das notícias sofre uma ação enformadora por parte do sistema sociocultural em que se insere.” (Sousa, 2000: 85)

Estes processos não podem por isso ser dissociados de toda a envolvente cultural e social. A construção de notícias está ligada e sofre influências determinantes de todo o contexto sociocultural e dos usos e costumes da sociedade.

“Existem vários estudos que favorecem a ideia de que o ambiente social e cultural tem efeitos no processo de seleção de informação. Ao nível das influências socioculturais, é preciso ainda que não esqueçamos que as notícias transportam consigo os

“enquadramentos” (frames) em que foram produzidos.” (Sousa, 2000: 86)

1.1.3. Construção Social da Realidade

Nos anos 60 e 70 através da investigação académica, impulsionada por novas inovações ao nível do método, surgem duas teorias que apesar de divergentes têm pontos de complementaridade ao considerar as notícias como construção social. Quer a teoria estruturalista quer a teoria interacionista são contrárias à teoria do espelho e não concordam que o conhecimento surja exclusivamente da experiência, negando a existência de princípios racionais. Estas duas teorias consideram que as notícias resultam da complexidade de relações e processos resultantes de tudo aquilo que envolve a sociedade em que estamos inseridos. (Traquina, 2001)

“As duas teorias sublinham a importância da cultura jornalística, nomeadamente a estrutura dos valores notícia dos jornalistas, a ideologia dos membros da comunidade, as rotinas e procedimentos que os profissionais utilizam para levar a cabo o seu trabalho. Contestam assim a visão de que os jornalistas são observadores passivos e defendem a posição de que, pelo contrário, são participantes ativos na construção da realidade. Consideram ainda que, como construção, as notícias são narrativas, estórias marcadas pela cultura dos membros da tribo e pela cultura da sociedade onde estão inseridos.” (Traquina, 2001: 52)

Os órgãos de comunicação social permitem que determinados acontecimentos, situações, ideias ou ocorrências, mesmo que no imediato possam parecer sem grande importância ou relevância cheguem ao conhecimento de um vasto número de pessoas, passando dessa forma a ter um significado ou sentido que de outra forma poderiam nunca chegar a ter.

“Os meios noticiosos conferem notoriedade pública a determinadas ocorrências, ideias e temáticas, que representam discursivamente, democratizando o acesso às (representações das) mesmas e tornando habitual (ritual?) o seu consumo. Os meios jornalísticos contribuem, ainda, para dotar essas ocorrências, ideias e temáticas de significação, isto é, contribuem para que a essas ocorrências, ideias e temáticas seja atribuído um determinado sentido, embora a outorgação última de sentido dependa do consumidor das mensagens mediáticas e das várias mediações sociais (escola, família, grupos sociais em que o indivíduo se integra, etc.). Em parte, a ação descrita é exercida porque os meios jornalísticos integram essas representações de

determinadas ocorrências, ideias e temáticas, enquanto fragmentos que são, num sistema racionalizado e organizado que globalmente fornece um quadro referencial explicativo do mundo, num processo que poderíamos, genericamente, designar por construção social da realidade pelos *media*, a exemplo da noção avançada por Berger e Luckmann (1976).” (Sousa, 2000: 22)

“Molotch e Lester (1974) apresentam o conceito de “promotores de notícias” para caracterizar as fontes que tentam transformar, por interesse, um facto num acontecimento público e/ou tentam, por vezes simultaneamente, impedir que outros factos atinjam idêntico estatuto, destacando, por esta via, a intencionalidade como razão de ser do que a fonte divulga e do que não divulga. Os “promotores de notícias” mais poderosos conseguiriam, inclusivamente, alterar estas rotinas produtivas a seu favor.” (Sousa, 2000: 69)

Aquilo que é acontecimento no espaço mediático poderá estar dependente da capacidade que as fontes possam ter na promoção de determinadas notícias em detrimento de outras, conseguindo dessa forma colocar na agenda pública temas que eventualmente com menor relevância que outros conseguem destacar-se e ganhar impacto mediático.

“No início dos anos setenta, as aportações da sociologia interpretativa trouxeram a perceção de que os meios de comunicação se estavam a tornar num dos principais agentes diretamente modeladores e transformadores do conhecimento social e das referências simbólicas da sociedade. Os meios jornalísticos não seriam, assim, meros espelhos da realidade, antes participariam ativamente no processo de construção social da realidade.” (Sousa, 2000: 134)

A construção social da realidade poderá assim ser modelada pelas notícias que diariamente surgem nos órgãos de comunicação social, bem como pela forma como nos são apresentadas, analisadas e explanadas pelos diversos intervenientes. A apresentação sistemática de determinados temas leva a que uma generalidade considerável de público seja “influenciado” pela forma como são apresentados e discutidos, conseguindo dessa forma passar uma mensagem para a opinião pública em geral. Utilizada de forma adequada, poderá ser muito útil na sensibilização para temáticas de elevado relevo, como é o caso da violência doméstica, a qual tem uma expressão importante no cômputo da criminalidade geral participada em Portugal.

“Tuchman (1978), com base na observação participante, relevou o contributo do jornalismo para a construção social da realidade, salientando que, em grande medida, são as rotinas produtivas a configurar os conteúdos da informação e que as notícias têm o condão de nos indicar como devemos observar e interpretar a realidade. Usando, mas não me limitando a sistematização das propostas de Tuchman oportunamente realizada por Montero (1993: 41), poderia descrever essencialmente quatro pontos em que essa atividade de construção social da realidade é particularmente visível, salientando, desde já, que a seleção rotineira de informação modela um determinado conhecimento referencial da realidade, já que o jornalismo exerce uma ação sobre a realidade social. As organizações noticiosas referenciam o mundo social e definem a noticiabilidade dos acontecimentos em função da rede que tecem para capturar esses acontecimentos. Esta rede privilegia a colocação de repórteres ou informadores junto de determinadas instituições e de determinadas áreas geográficas e gera a divisão da redação em secções temáticas, em função dos assuntos que se pretendem cobrir. Assim, são essencialmente capturados os acontecimentos que se desenrolem em determinadas organizações, em determinados espaços ou que se insiram em determinadas áreas temáticas e são as notícias sobre esses acontecimentos que vão fazer parte dos referentes comuns e, deste modo, participar no processo de construção social da realidade.” (Sousa, 2000: 147, 148)

O jornalismo na sua atividade profissional não abarca todas as áreas temáticas existente na sociedade. A publicação de notícias de umas áreas em detrimento de outras modela a sociedade e a perceção que esta tem da mesma. A existência de várias secções temáticas nas redações é bem exemplo desta circunstância e mesmo entre estas existem aquelas a quem é dada maior prevalência em detrimento das restantes.

“O conhecimento de rotina dos jornalistas possibilita o domínio do tempo, a mais importante demonstração de profissionalismo. A classificação rotineira das notícias em *hard news*, *hot news*, etc. e as generalizações que o jornalista emprega para dar ou negar credibilidade prévia a uma fonte de informação são exemplos desse conhecimento de rotina. Isto leva a que somente determinado tipo de ocorrências seja “transformado” em notícia rapidamente editável: outras notícias ficam em reserva ou não são publicadas porque não se inscrevem nos tipos que os jornalistas rotineiramente privilegiam (as *hot news*, por

exemplo, tendem sempre a ser editadas; as *soft news* não). Outros acontecimentos nem sequer são “convertidos” em notícia porque, generalizando, o jornalista não confere credibilidade e/ou importância a certas fontes, mesmo que elas sejam idóneas e efetivamente credíveis e com relevante para dizer. Os meios jornalísticos possuem uma função institucionalizada que é a de prover o público de informação, reservando à notícia a capacidade de tornar público determinados acontecimentos e não outros. Porém, para Tuchman a notícia tipifica ou legitima movimentos sociais e significados, estandardizando formas de ver a realidade. A notícia é uma realidade construída e uma forma de conhecimento.” (Sousa, 2000: 147, 148)

1.1.4. Agenda-Setting

“Quatro grandes movimentos teóricos sobre os efeitos dos meios de comunicação social desenharam-se após a Primeira Guerra Mundial e ganharam particular expressão a partir da Segunda Guerra Mundial: o paradigma funcionalista, a sociologia interpretativa, os estudos críticos de génese marxista (que se repartem por diversos ramos: análise socioeconómica, estudos culturais, etc.) e a chamada Escola Canadiana. Os investigadores funcionalistas defenderam a ideia de que os meios de comunicação social não têm um grande poder de modificar atitudes e opiniões, tendo as suas apertações, em conjunto com outras, desembocado modernamente na teoria das múltiplas mediações, na qual se descrevem vários fatores de mediação que relativizam a influência dos meios: grupos sociais, líderes de opinião, escola, canais de comunicação, condições de receção, etc. Pelo seu lado, os autores filiados nas correntes da sociologia interpretativa veem a sociedade como uma trama complexa de diferentes grupos interpenetrantes e interativos capazes de criar os seus próprios universos simbólicos e os seus mecanismos de interpretação da realidade, razão pela qual as relações interpessoais em interação e, portanto, a comunicação interpessoal, seriam preponderantes nesse processo cognitivo, independentemente de este poder ser influenciado pela comunicação massivamente mediada. Neste contexto, “a produção de sentido e de significados que permite a compreensão da realidade quotidiana aparece como um processo basicamente consensual no qual o indivíduo participa de forma consciente ou inconsciente.” (Montero, 1993: 51)

Começa-se a perceber que os meios de comunicação social ao apresentarem determinados temas levam as pessoas a pensar e refletir sobre eles, não sendo

esse facto uma condicionante ao pensamento que se tem sobre determinada temática. Mais do que colocar as pessoas a pensar de uma determinada maneira, os *media* conseguem colocar em debate e ser objeto de preocupação pública um conjunto de acontecimentos que de outra forma poderiam passar despercebidos.

“Os estudos de génese marxista opõem-se tanto ao paradigma funcionalista como à sociologia interpretativa. Por exemplo, enquanto para os teóricos críticos o estado é um instrumento de dominação ao serviço da classe dominante, assegurando o status quo, para os funcionalistas e para a sociologia interpretativa o estado é um “contexto objetivo de sentido” (Schutz e Luckmann, 1973) que as pessoas interiorizam desempenhando papéis e usando a linguagem. (...). Os meios de comunicação social seriam, assim, elementos integrados dentro do aparelho ideológico da classe dominante, pelo que o processo de comunicação através dos meios jornalísticos não poderia ser dissociado do seu contexto sócio-histórico-cultural. Temos ainda uma outra tradição de estudos: a da Escola Canadiana. Esta linha de investigação, cujos expoentes foram Innis e McLuhan, enfatiza o papel dos meios de comunicação na transformação das sociedades. Para os autores filiados nesta tradição, mais importante do que ou tão importante como o conteúdo das mensagens é o veículo que as transporta.” (Sousa, 2000: 132)

Como fomos percebendo ao longo deste estudo, o papel do jornalismo é essencial em levar as pessoas em pensar de uma determinada forma, enfatizando uns assuntos em detrimento de outros, face à abordagem concreta que fazem de determinados temas. Tal circunstância pode levar o debate público a ser “canalizado” num determinado sentido, levando as pessoas a refletir e pensar sobre alguns temas.

“A teoria do *agenda-setting* (estabelecimento da agenda – ou, melhor dito, de agendas) é uma teoria que procura explicar um certo tipo de efeitos cumulativos a curto prazo que resultam da abordagem de assuntos concretos por parte da comunicação social.” (Cohen, 1963: 120)

As notícias de forma periódica e sistemáticas de um determinado tema, apresentadas da mesma forma, podem influenciar diretamente as pessoas quanto à forma como pensam sobre esse assunto ou pelo menos levam a que certamente as pessoas possam refletir mais sobre esses assuntos do que sobre outros que não sejam objeto de notícia por parte da comunicação social.

Poderíamos ainda recuar mais no tempo e relembrar Lippman (1922), que destacou o papel da imprensa na orientação da atenção dos leitores para determinadas temas, já que os jornais seriam a principal ligação entre os acontecimentos e as imagens que as pessoas formavam desses acontecimentos, Park (1939), que destacou o poder dos jornais no estabelecimento de uma determinada hierarquização temática, e mesmo Lasswell (1948), que, ao falar da função da vigilância do meio que atribuía à comunicação social, estaria a pressupor que os *new media* seriam capazes de estabelecer uma agenda temática junto do público (de outra forma seria inútil vigiarem o que quer que fosse, porque isso não traria quaisquer repercussões). O aparecimento da teoria do *agenda-setting* representa uma rutura com o paradigma funcionalista sobre os efeitos dos meios de comunicação. A teoria do *agenda-setting* mostrava (...), que existiam efeitos sociais diretos, pelo menos quando determinados assuntos eram abordados e estavam reunidas um certo número de circunstâncias. Quanto maior fosse a ênfase dos *media* sobre um tema e quanto mais continuada fosse a abordagem desse tema maior seria a importância que o público lhe atribuiria na sua agenda (McCombs e Shaw, 1972). Shaw (1979) explicou que a influência dos meios de comunicação social no que respeita ao agendamento dos temas que são objeto de debate público, se bem que por vezes não seja imediata, é realmente direta. Mas disse também que essa influência se inscreve no domínio das cognições, dos conhecimentos, e não das atitudes. (in Sousa, 2000: 164-165)

“É hoje comum sublinhar o poder dos *media* (os meios de comunicação social), quando não denunciá-lo, como prepotente, perverso e mesmo perigoso para o cidadão e a própria sociedade democrática. É preciso dizer que, muitas vezes, a lógica destas críticas precisa de ser inserida numa estratégia que faz parte de uma luta política empreendida por alguns profissionais do campo político, cujo objetivo é visar uma comunidade de mensageiros mediáticos, os jornalistas, com o intuito de reduzir o seu espaço de autonomia.” (Traquina, 2000: 13)

Sem dúvida que os meios de comunicação social conseguem que qualquer acontecimento, ocorrido em qualquer parte do mundo, rapidamente chegue ao conhecimento de milhões de pessoas. São neste aspeto em concreto muito importantes porque permitem que as pessoas de uma maneira generalizada possam acompanhar o que se passa no mundo, ao contrário do que acontecia há

alguns anos atrás em que apenas existia conhecimento público de um reduzido número de ocorrências. Hoje em dia, qualquer situação, por mais pequena ou sem importância que possa à partida ter, poderá ser alvo de publicação nos *media* conferindo-lhe de imediato impacto e visibilidade, colocando-os na ordem do dia e trazendo para a realidade acontecimentos que nos poderão despertar para situações ou realidades que desconhecíamos, quer porque são novas ou porque voltam a surgir na agenda mediática na sequência de facto já ocorridos anteriormente. E, dessa forma, aumenta também o escrutínio que a sociedade faz sobre as mais diversas decisões, conhecendo as suas causas e consequências e levando a que os decisores tenham que ser muito mais cuidadosos nos seus comportamentos e atitudes. Mas também temos a percepção que existem determinados temas que são apresentados e valorizados em relação a outros. E mesmo dentro de uma grande temática, existem aspetos mais valorizados que outros. Tomemos como exemplo o desporto. Em Portugal o tempo que os *media* dedicam ao futebol é muito superior ao dado a outras modalidades, facto que resulta óbvio sem necessidade de qualquer estudo científico. Isto claramente também resultará de que não é possível ter espaço para noticiar tudo o que são acontecimentos, mas também é revelador que os meios de comunicação social fazem uma escolha, têm um filtro (*gatekeeping*) que os leva a escolher e valorizar certos temas em detrimento de outros.

“As notícias acontecem na conjugação de acontecimentos e de texto. Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia cria o acontecimento” (Traquina, 1988-93: 168).

Esta citação sublinha outro ponto-chave que a teoria do agendamento acabou por abarcar, e que estava ausente nas suas pretensões iniciais. As notícias são construções, narrativas, “estórias”. Como escreve Gaye Tuchman, “dizer que notícia é uma ‘estória’ não é de modo nenhum rebaixar a notícia, nem acusá-la de ser fictícia. Melhor, alerta-nos para o facto de a notícia, como todos os documentos públicos, ser uma realidade construída possuidora da sua própria validade interna.” (Traquina, 2000: 26-27)

As notícias contam a realidade vista pelo prisma do jornalista, pela forma como este olha a sociedade onde está inserido e pelos valores porque se rege.

“Apesar de os cientistas comportamentalistas não terem ainda descoberto que os *media* têm todo o

poder que lhes é atribuído pelo saber comum, há provas suficientes de que os editores e difusores desempenham um papel importante na modelação (*shaping*) das perceções da realidade. As audiências não só obtêm informações sobre assuntos públicos, como no caso Watergate, como por vezes também percebem, pela enfâse que os *media* colocam no seu tratamento, qual o grau de importância a atribuir a um assunto. Por outras palavras, os *media* estabelecem a agenda da opinião pública, sem que necessariamente determinem o sentido que essa opinião vai tomar. A esta característica, demonstrada empiricamente por McCombs e Shaw (1972), deu-se o nome de “função de agendamento” da comunicação de massas. Na formulação de Cohen (1963), os *media* podem muitas das vezes não ter êxito quando dizem às pessoas *como* pensar, mas são admiravelmente eficazes quando lhes dizem *sobre* o que pensar.” (Traquina, 2000: 64-65)

O jornalismo desempenha um papel fundamental na definição de quais são os principais temas da atualidade, na medida em que a publicação de forma repetida de notícias sobre uma determinada temática pode levar as pessoas a pensar e refletir mais sobre uns assuntos do que em relação a outros.

“A comunicação social transformou-se numa espécie de extensão cognitiva do homem, um pouco na linha do que havia sido preconizado por McLuhan. O seu efeito de agendamento parece refletir-se, a um primeiro nível, na definição do que constitui ou não um tema de atualidade. A um segundo nível, o agenda-setting vai ainda mais longe, ao estabelecer a própria hierarquia e prioridade dos temas.” (Santos, 1992:99)

Mas dentro dos temas que são objeto de notícia nem todos têm a mesma relevância ou lhes é dedicada a mesma atenção. Consoante a linha editorial dos órgãos de comunicação social ou o que em cada momento os jornalistas entendem poder ter maior destaque, é estabelecida uma prioridade entre os diversos temas, sendo naturalmente criado um escalonamento entre eles.

“O processo de *agenda-setting* resulta, antes do mais, da procura de informação sobre o meio por parte dos indivíduos, necessidade que, na complexa sociedade atual, só poderia ser satisfeita através do consumo dos *new media*.” (Saperas, 1993: 71)

1.2. VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Segundo o Dicionário Houaiss, violência é a “ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra (alguém); ato violento, crueldade, força”. No aspeto jurídico, o mesmo dicionário define o termo como o “constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem; coação”.⁶

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a violência “como o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação.”⁷

De acordo com Lisboa, Barroso, Patrício e Leandro (2009), a violência é “um ato que advém do facto de ele ser considerado como uma agressão a normas estabelecidas pelo sistema de valores que é reconhecido por uma determinada sociedade ou segmento social”. Similarmente, Krug, Dahlberg, Mercy, Zei e Lozano (2002)⁸, “definem violência como o “uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande probabilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação”.

Assim, o conceito de violência, que não pode deixar de ser entendido como sendo dinâmico, representa o não cumprimento de um conjunto de valores e normativo instituídos numa determinada sociedade, a qual em função da sua evolução pode também ir alterando o conceito de violência. Na nossa sociedade, verifica-se que a violência que é cometida com frequência e a qual e dada maior importância é a violência doméstica. (Alves, 2016)

Segundo Fraga (2002)

“a violência está no interior da tessitura da história humana. O autor destaca que a violência original deve ser associada à violência dos primatas como necessidade incontornável no processo da luta pela sobrevivência. A violência é apenas umas das formas de manifestação da agressividade, há uma distinção entre agressividade e violência. Ele regista que a agressividade pode ser canalizada tanto para um ato destrutivo da mais pura violência, como para as faculdades que orientam a formação da

⁶ <http://www.serasaexperian.com.br/guiacontraviolencia/violencia.htm> acessado em 29 de Fevereiro de 2016

⁷ Organização Mundial da Saúde. (2002). Relatório mundial sobre violência e saúde.

⁸ Ver Relatório mundial sobre a violência e a saúde, da Organização Mundial de Saúde, de 2002

aprendizagem do indivíduo e afirma ainda que toda violência pressupõe agressividade, mas nem toda a agressividade pressupõe violência, assim como toda a atividade humana pressupõe agressividade, porém não violência.” (Da Silva, 2012: 17)

A espécie humana teve necessidade ao longo sua evolução de lutar pela sua sobrevivência, como forma de resistir às diversas ameaças provenientes da natureza. Para tal, a agressividade que lhe é inata foi fundamental neste processo, a exemplo de qualquer outra espécie animal. Mas a sua capacidade intelectual permite-lhe canalizar de forma adequada essa agressividade pelo que ao ser humano lhe é exigível que não a transforme em violência.

“A agressividade é condição absolutamente necessária para a atividade humana. Ele revela que um ser sem agressividade é inerte, sem qualquer possibilidade de iniciativa ou defesa e adverte que o tema violência, por sua complexidade deve ser trabalhado com clareza e concisão. A violência continua sendo, hoje, até mais do que antes, um meio de sobrevivência, isso é um sintoma de que questões ocultas no tempo presente, que o discurso ideológico dominante procura resolver com fórmulas como a pena de morte ou, do lado progressista, com éticas que querem pairar acima da realidade e da natureza dos conflitos sociais.” (Da Silva, 2012: 17)

Mas de uma forma genérica, a sociedade entende violência como sendo uma agressão que as pessoas praticam sobre elas próprias ou em relação aos demais, resultante muitas vezes de conflitos e interesses diversos que culminam em situações de agressividade.

Do genocídio da 2ª Guerra Mundial emergiu o princípio segundo o qual todas as pessoas – mulheres, crianças e homens – têm direito a um mínimo de respeito pela sua dignidade e direitos como pessoas. Desde então, a ONU trabalhou para definir e aperfeiçoar os direitos de todos os seres humanos. A Carta Universal dos Direitos Humanos – que inclui a Declaração Universal dos Direitos Humanos (resolução 217 A (III) da Assembleia Geral, anexo) e o Pacto Internacional dos Direitos Cívicos e Políticos e dos Direitos Económicos, Sociais e Culturais (resolução 2200 A (XXI) da Assembleia Geral, anexo) – enumera direitos humanos básicos, estabelecendo, assim, os direitos gerais que assistem às vítimas de violência doméstica. Este tipo de proteção geral também está previsto em instrumentos como a Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação da Mulher (resolução 34/180, da Assembleia Geral, anexo), a Convenção para os Direitos da Criança (resolução

44/25, da Assembleia Geral, anexo) e a Declaração dos Princípios Básicos de Justiça para Vítimas de Crime e Abuso de Poder (resolução 40/34 da Assembleia Geral, anexo). (DGS, 2003)

“A Revolução de 1820, apesar de ter sido inspirada nos ideais de liberdade e de igualdade, manteve a rigidez de papéis atribuídos aos homens e às mulheres, pelo que aquilo que hoje chamamos de violência conjugal não era entendido como tal. Antes pelo contrário, muitos dos comportamentos que tipificam atualmente a violência conjugal, como a violência psicológica, a violência por omissão ou a violência sexual não encontravam suporte nem na legislação, nem na sociedade de então. Com isto não pretendemos dizer que a violência conjugal estivesse legitimada, pois não se encontra no Código Penal de 1852, nem no Código Penal de 1886, qualquer direito de o marido bater na mulher, mas apenas chamar a atenção para a conceção então vigente de que o bem comum da família justificava a aceitação de sacrifícios pessoais da mulher. Disto é exemplo o facto do Código de Seabra não admitir o divórcio.” (Cardoso, 2012: 6)

Apesar de a legislação não prever qualquer norma que o permitisse, a verdade é que a sociedade legitimava um determinado “comportamento” do homem em relação à mulher, não exercendo qualquer tipo de censura para a violência que era exercida sobre as mulheres, muitas vezes de forma completamente gratuita e com consequência físicas e psicológicas inadmissíveis.

“Em 1910 deu-se a implantação da República, que ocasionou algumas alterações, reveladoras de um sentimento antirreligioso, com expressão mais significativa na consagração da possibilidade de divórcio, passando as sevícias e as injúrias graves a constituir agora causa de divórcio litigioso. Apesar desta e doutras mudanças legislativas, os valores sociais enraizados na comunidade portuguesa sobre o conceito de família e sobre o estatuto da mulher não permitiram modificações práticas relevantes quanto à compreensão do fenómeno da violência conjugal. Em 1926 é instaurado o Estado Novo, iniciando-se um período de retrocesso na evolução legislativa anteriormente operada, manifestada desde logo na Constituição de 1933, que consagrava a igualdade dos cidadãos perante a lei, com exceção das mulheres, graças às «diferenças resultantes da sua natureza e do bem da família». Na visão salazarista a família era um domínio inviolável, governado pelo chefe de família, a quem a mulher devia obediência, conceção patente na jurisprudência da época, que parecia ainda admitir a existência de um direito de moderada correção

doméstica, ainda que não legalmente consagrado. Neste período procurou-se também acabar com a possibilidade de dissolução do casamento através do divórcio. Pode-se, assim, concluir que o Estado Novo agravou o estatuto jurídico da mulher, tolerando a violência conjugal, com o objetivo de realizar os interesses superiores do Estado e da Família.” (Cardoso, 2012: 6,7)

O processo de evolução dos direitos das mulheres e da sua consagração legal foi lento e com vários altos e baixos. Se após 1910 tudo indicava que se poderia caminhar no sentido da valorização da mulher enquanto ser humano, os ideais de Salazar voltaram a constituir um passo atrás muito significativo. Com a justificação da importância da família e da sua manutenção a qualquer preço, o homem continuou a poder exercer sobre as mulheres todo o tipo de violência sem qualquer consequência legal ou social. Esta situação terminaria de forma definitiva com o 25 de abril de 1974, apesar do processo de alteração de mentalidades e de mudanças legislativas ter sido lento e ainda não se encontrar concluído.

“O 25 de abril de 1974 e as mudanças políticas, económicas e sociais trouxeram significativas alterações legislativas, desde logo, manifestadas na Constituição de 1976, e depois nas modificações introduzidas ao Código Civil, em 1977. A Constituição consagrou no artigo 13º o princípio da igualdade e mais especificamente no domínio da família estabeleceu que «Os cônjuges têm iguais direitos e deveres quanto à capacidade civil e política e à manutenção e educação dos filhos», o que implicou a alteração do Código Civil e a sua adaptação ao texto fundamental. Tal ajustamento foi realizado em 1977, consagrando-se o princípio da igualdade dos cônjuges e como dever fundamental a que estão vinculados entre si, o dever de respeito, dever este que surge como o aspeto essencial no combate contra a violência conjugal. Outro facto que teve também importância nesta luta foi a reintrodução da possibilidade de divórcio para todos os casamentos. Não há dúvida que depois do 25 de Abril a mulher passou a ser reconhecida legal e socialmente como uma cidadã com plenos direitos, começando a tomar consciência dos mesmos e a reagir aos abusos que lhe são dirigidos, abandonando o papel passivo que até então tinha tido.” (Cardoso, 2012: 6,7)

1.2.1. Conceito

Existem várias definições de violência doméstica, quase tantas como os documentos que abordam este tema. Sem prejuízo das diversas definições, o

Código Penal Português estabelece a tipificação do crime de violência doméstica, como adiante veremos.

O termo “violência doméstica” é usado para descrever as ações e omissões que ocorrem em variadas relações. Embora, em sentido restrito, designe os incidentes de ataque físico, pode abranger todas as violações de carácter físico e sexual, tais como empurrões, beliscões, cuspidelas, pontapés, espancamento, murros, estrangulamento, queimaduras, agressão com objetos, esfaqueamentos, uso de água a ferver, ácido e fogo. Os resultados de tal violência física podem ir de pequenos ferimentos até à própria morte. O que começa por ser, aparentemente, um ataque de pouca gravidade pode aumentar de frequência e de intensidade. Algumas pessoas utilizam o termo “violência doméstica” para abranger a violência psicológica e mental, que pode consistir em agressões verbais repetidas, perseguição, clausura e privação de recursos físicos, financeiros e pessoais. O contacto com familiares e amigos pode ser controlado. A violação pode tomar formas variáveis de sociedade para sociedade. Outras usam o termo para descrever apenas a violência contra a mulher ocorrida em família, sendo, por vezes, utilizado para designar uma violação em que a vítima e o agressor têm, ou já tiveram antes, um relacionamento pessoal. Neste sentido mais lato, a violência doméstica engloba o abuso de crianças (físico, sexual ou psicológico), a violência entre meios-irmãos, o abuso ou negligência de idosos por parte dos respetivos filhos. O termo “violência doméstica” designa a agressão de carácter físico ou psicológico infligida à esposa por parte do marido ou parceiro sexual. Em muitos países, emprega-se o termo agressão conjugal para descrever este tipo de comportamento. A violência doméstica é um problema encoberto. Os estudos sobre o tema são relativamente recentes, tendo, no máximo, cerca de 25 anos. Em termos gerais, teve origem na Europa ocidental, América do norte, Austrália e Nova Zelândia. Muitos desses estudos debruçaram-se sobre a cultura dominante, embora existam, cada vez mais, sobre a população indígena, a comunidade imigrante e os grupos de refugiados. Está a ser levado a cabo um número crescente de estudos em países em vias de desenvolvimento. Por exemplo, foram feitos, sobre este fenómeno, trabalhos abrangentes e sistemáticos na Papua Nova Guiné*. Além disso, uma compilação recente de ensaios, publicada pelo Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM), resume os estudos feitos sobre o tema em

várias regiões do mundo em vias de desenvolvimento. Embora se possa afirmar que a mulher é a habitual vítima da violência doméstica e que o homem é o habitual agressor, há dúvidas sobre o tipo de pessoas que se supõe estarem envolvidas em casos destes. Há estudos que indicam a existência, em algumas comunidades, de um caso de violência conjugal em cada três casamentos. É um fenómeno que parece não ser desconhecido em nenhuma região do globo. (DGS, 2003)

De acordo com I Plano Nacional Contra a Violência Doméstica (1999-2002) surge consignado que:

“De entre as várias definições de violência contra as mulheres destacamos a do grupo de peritos do Conselho da Europa, segundo a qual «qualquer ato, omissão ou conduta que serve para infligir sofrimentos físicos, sexuais ou mentais, direta ou indiretamente, por meio de enganos, ameaças, coação ou qualquer outro meio, a qualquer mulher e tendo por objetivo e como efeito intimidá-la, puni-la ou humilhá-la ou mantê-la nos papéis estereotipados ligados ao seu sexo, ou recusar-lhe a dignidade humana, a autonomia sexual, a integridade física, mental e moral ou abalar a sua segurança pessoal, o seu amor-próprio ou a sua personalidade, ou diminuir as suas capacidades físicas ou intelectuais”⁹

Considera-se violência doméstica “qualquer ato, conduta ou omissão que sirva para infligir, reiteradamente e com intensidade, sofrimentos físicos, sexuais, mentais ou económicos, de modo direto ou indireto (por meio de ameaças, enganos, coação ou qualquer outro meio) a qualquer pessoa que habite no mesmo agregado doméstico privado (pessoas – crianças, jovens, mulheres adultas, homens adultos ou idosos – a viver em alojamento comum) ou que, não habitando no mesmo agregado doméstico privado que o agente da violência, seja cônjuge ou companheiro marital ou ex-cônjuge ou ex-companheiro marital”. (Machado e Gonçalves, 2003)

Face à evolução que a violência doméstica tem tido nos últimos anos, em especial nos países ocidentais, a violência doméstica já não é apenas considerada quando sucede no seio de um casal, mas alargou-se a todas as relações de parentesco, adoção, de afinidade e de intimidade: pais/filhos; avós/netos, etc. Já

⁹ Resolução do Conselho de Ministros n.º 55/1999, de 15JUN: 3426

não é apenas aplicada ou restringida a pessoas que vivem ou viveram em situação conjugal, casadas ou não.

Por esta razão, A APAV define violência doméstica “como qualquer conduta ou omissão de natureza criminal, reiterada e/ou intensa ou não, que inflija sofrimentos físicos, sexuais, psicológicos ou económicos, de modo direto ou indireto, a qualquer pessoa que resida habitualmente no mesmo espaço doméstico ou que, não residindo, seja cônjuge ou ex-cônjuge, companheiro/a ou ex-companheiro/a, namorado/a ou ex-namorado/a, ou progenitor de descendente comum, ou esteja, ou tivesse estado, em situação análoga; ou que seja ascendente ou descendente, por consanguinidade, adoção ou afinidade. Esta definição implica a referência a vários crimes, sejam de natureza pública, semipública ou particular, nomeadamente: o de maus-tratos físicos e/ou psíquicos; o de ameaça; o de coação; o de difamação; o de injúria; o de subtração de menor; o de violação de obrigação de alimentos; o de violação; o de abuso sexual; o de homicídio; e outros¹⁰.” (APAV, 2010: 11)

É, por isso, um fenómeno de elevada complexidade, a que se juntam diversos fatores e que envolve várias personagens. Desde logo a vítima, mas também o agressor e as testemunhas desempenham papéis fundamentais numa vivência marcada por aspetos de natureza social, cultura, económicos e psicológicos que é importante ter em conta.

1.2.2. Enquadramento Legal

Legalmente, a violência doméstica em Portugal encontra-se tipificada no art.º 152º do Código Penal Português¹¹:

1 - Quem, de modo reiterado ou não, infligir maus tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais:

- a) Ao cônjuge ou ex-cônjuge;*
- b) A pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação;*
- c) A progenitor de descendente comum em 1.º grau; ou*

¹⁰Esta definição recolheu influências da definição feita pelo Grupo de Peritos do Conselho da Europa, que influenciou o I Plano Nacional Contra a Violência Doméstica; bem como da do Grupo de Peritos para o Acompanhamento da Execução do I Plano Nacional Contra a Violência Doméstica; e ainda da definição contida no Despacho 16/98, de 9 de março, do Ministro da Administração Interna. Para a definição de violência doméstica da APAV, contou também a sua própria experiência de intervenção junto das vítimas, o tratamento contínuo de dados estatísticos que foi realizando e a própria reflexão interna sobre o tema.

¹¹ Código Penal Português – 40ª edição - a mais recente (Lei n.º 110/2015, de 26/08)

d) A pessoa particularmente indefesa, em razão de idade, deficiência, doença, gravidez ou dependência económica, que com ele coabite;

é punido com pena de prisão de um a cinco anos, se pena mais grave lhe não couber por força de outra disposição legal.

2 - No caso previsto no número anterior, se o agente praticar o facto contra menor, na presença de menor, no domicílio comum ou no domicílio da vítima é punido com pena de prisão de dois a cinco anos.

3 - Se dos factos previstos no n.º 1 resultar:

a) Ofensa à integridade física grave, o agente é punido com pena de prisão de dois a oito anos;

b) A morte, o agente é punido com pena de prisão de três a dez anos.

4 - Nos casos previstos nos números anteriores, podem ser aplicadas ao arguido as penas acessórias de proibição de contacto com a vítima e de proibição de uso e porte de armas, pelo período de seis meses a cinco anos, e de obrigação de frequência de programas específicos de prevenção da violência doméstica.

5 - A pena acessória de proibição de contacto com a vítima pode incluir o afastamento da residência ou do local de trabalho desta e o seu cumprimento pode ser fiscalizado por meios técnicos de controlo à distância.

6 - Quem for condenado por crime previsto neste artigo pode, atenta a concreta gravidade do facto e a sua conexão com a função exercida pelo agente, ser inibido do exercício do poder paternal, da tutela ou da curatela por um período de um a dez anos.

É um crime que tem em conta vários tipos de condutas e que definem a tipologia associada a este crime: a violência física e psicológica: agressões, injúrias, ameaças, etc.; inclui também castigos corporais – particularmente relevantes em casos de violência doméstica sobre crianças -, privações da liberdade – por exemplo, fechar a vítima em casa - e ofensas sexuais. Como já fomos dando nota, consubstanciado no texto da lei, para que ocorra o crime de violência doméstica e seja qualificado como tal não é necessária a reiteração e continuidade do comportamento, podendo um ato isolado, atenta a sua gravidade em concreto, consubstanciar a prática do crime de violência doméstica. (APAV, 2010)

1.2.3. Tipologia

A manifestação da violência doméstica assume assim diversos tipos, evidenciemos os mais comuns¹²:

- Física (agressões físicas) – inclui qualquer forma de contacto que magoe a vítima, vai desde a bofetada, murro, pontapé até espancamentos, agressões com objetos e armas;
- Sexual (agressão sexual e violação) – qualquer tipo de contacto e/ou comportamento sexual não desejado pela vítima, mas que lhe é imposto;
- Psicológica/emocional (agressão psicológica/emocional) – o agressor(a) tenta levar a vítima ao desequilíbrio mental, inclusive pela minimização de sentimentos e culpabilização bem como pelo isolamento da família e amigos provocados por restrições à sua liberdade. Afirmação que pretendem minar a autoconfiança da vítima, desde insultos e humilhações em família e em público, injúrias, difamação a intimidações, coação, ameaças e chantagem (servindo-se muitas vezes dos filhos);
- Social – o agressor(a) procura isolar a vítima do contacto com os seus familiares e amigos, aumentando o controlo e a manipulação sobre a mesma. Esta estratégia usada pelo agressor(a) pode conduzir a vítima a um afastamento total das suas redes sociais, não só pela vergonha da violência que sobre si é exercida como também pelos distúrbios emocionais produzidos;
- Verbal (agressões verbais) – ameaça, intimidações e discussões violentas;
- Financeira/económica (agressão financeira/económica) – muitas vítimas é economicamente dependentes dos agressores(as), que utilizam esse fator como forma de exercer pressão sobre elas, limitando-lhes o acesso ou gestão de dinheiro e património;
- Destruição de propriedade – para ameaçar ou aterrorizar a vítima o agressor(a) pode destruir bens que sejam da sua propriedade (ex. roupas, livros, objetos e documentos pessoais).

¹² Guarda Nacional Republicana (2015). *Manual do Curso de Investigação e de Apoio a Vítimas Específicas*

1.3. O PAPEL DO JORNALISMO NA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Embora as causas da violência doméstica possam não ser conhecidas, a necessidade de agir é evidente. Há muitas teorias para explicar a existência e a dimensão da violência doméstica. Algumas delas debruçam-se no indivíduo, na procura de explicações de tipo pessoal, tais como o abuso de bebidas alcoólicas ou de drogas, o modo de agir do indivíduo, doença mental, stresse, frustração, subdesenvolvimento e antecedentes de violência na família. A frequência e a aceitabilidade implícita da violência doméstica contra mulheres levou alguns autores a questionarem a validade das explicações baseadas em características individuais. Eles sugerem uma explicação estrutural e social. A violência doméstica tem origem em todo um contexto social. A agressão a mulheres é reflexo das amplas estruturas de desigualdade económica e social na sociedade. Existem estudos que demonstram que, em vez de ser vista como uma aberração, a violência doméstica é geralmente aceite e tolerada. É uma extensão do papel que a sociedade espera dos homens, no âmbito doméstico. Segundo esta análise, o abuso de mulheres pode ser visto como uma demonstração do poder masculino, resultado de relações sociais em que as mulheres são mantidas numa posição inferior à dos homens, responsáveis por eles e carentes da sua proteção. Estas teorias sugerem que a dependência social, económica e política das mulheres cria uma estrutura que permite que o homem pratique atos de violência contra a mulher. As origens da violência situam-se na estrutura social e no complexo conjunto de valores, tradições, costumes, hábitos e crenças que estão intimamente ligados à desigualdade sexual. A vítima da violência é, quase sempre, a mulher e o agressor é, quase sempre, o homem, servindo as estruturas da sociedade de confirmação desta desigualdade. A violência contra as mulheres é resultado da crença, fomentada em muitas culturas, de que o homem é superior e de que a mulher que com ele vive é um objeto de posse que ele tratará como muito bem quiser. Por fim, considera-se que não existe uma explicação única para a violência doméstica e que a ênfase posta na procura das respetivas causas pode desculpar alguma inação. Sejam quais forem as causas, os agressores devem ser responsáveis pelos atos de violência cometidos e a sociedade deve enfrentar a violência doméstica. (DGS, 2003)

O trabalho de muitos anos na área da violência doméstica mostra que a comunicação social pode ter um papel fundamental na prevenção do fenómeno,

assim como constituir um veículo primordial de informação para as vítimas, em especial no tocante aos mecanismos existentes de proteção e apoio em situações de maior gravidade, podendo desta forma contribuir para reduzir as consequências sobre as vítimas. Apesar de a lei prever hoje em dia um conjunto alargado de situações que tipificam o crime de violência doméstica, só a previsão legal não é suficientemente forte para evitar este tipo de criminalidade. A mudança de atitudes e comportamentos, a forma como se olha para o outro e se respeita as suas opções e direitos, pode em muito ser moldada pelo trabalho desenvolvido pela Comunicação Social, dando espaço mediático a este assunto, “obrigando” à reflexão e trazendo o fenómeno para a agenda política, já que anualmente é responsável por inúmeras mortes e sofrimento para todos aqueles que diretamente ou indiretamente vivem estas situações.

“O poder dos meios de comunicação consiste também em fazer crer na sua influência, que faz com que lhes sejam atribuídos resultados imaginários. Resulta, também, da natureza de uma influência, que se exprime mais na capacidade de definir um horizonte de debate e de desafios do que num controlo orwelliano das mentes. A noção de construção social da realidade é, muitas vezes, menosprezada. No entanto, mantém-se pertinente se sugerir um processo de seleção e hierarquização dos factos e dos dossiês, de que uma análise empírica do trabalho jornalístico pode revelar as causas e as regularidades.” (Érik Neveu, 2003: 103)

E como nos diz McComb e Shaw (1972) “a noção de *agenda-setting*, o termo – que se poderia traduzir por definição de uma ordem do dia – designa a capacidade que os meios de comunicação social têm para, através da seleção de notícias, produzirem uma hierarquização da informação e exercerem uma influência que não é tanto de modelar os comportamentos, mas mais de definir os temas dignos da atenção coletiva.” (in Neveu, 2003: 105)

“As Nações Unidas recomendam uma atuação dos *media* no sentido de “desafiar as atitudes do público face à violência doméstica”. Para conseguir tal objetivo propõem que sejam “confrontadas atitudes que permitem a ocorrência de violência”, examinando:

- A ideologia da culpabilização da vítima
- O papel do consumo de álcool na violência doméstica
- As características e o comportamento da vítima e agressor e as escolhas

que enfrentam

- Conceitos sobre vida em família, privilégios masculinos e privacidade
- A exploração da mulher na comunicação social
- A glorificação da violência nos *media*

As notícias ou programas sobre o assunto podem ensinar à mulher formas de se proteger, dado permitirem: saber mais sobre a questão; conhecer os serviços de apoio disponíveis e envolverem-se nos esforços da comunidade de combate ao fenómeno”.¹³

¹³ Rosmaninho, T. (2005). Violência doméstica manual para os media: informar para mudar.
<http://manualmediavd.blogspot.pt/2005/03/violncia-domstica-e-os-media.html> acedido em 2 de Março de 2016

2. METODOLOGIA

A presente investigação pretendeu essencialmente dar resposta à seguinte Pergunta de Partida:

“De que forma a imprensa portuguesa trata os diferentes tipos de violência doméstica, considerando a relevância e a visibilidade pública que lhe é atribuída através do tratamento jornalístico?”

Pretendemos desta forma compreender se os jornais publicam notícias relacionadas com a violência doméstica, verificando se são noticiadas na 1ª página e que tipo de abordagem é efetuada no interior do jornal, percebendo de que forma falam desta temática.

“O ponto de partida para a elaboração e formulação adequada de uma problemática, em sede de investigação científica, corresponde à tarefa de fazer um balanço relativamente às diferentes perspetivas possíveis de abordar um dado fenómeno, equacionar os seus pressupostos e promover a comparação entre os mesmos, ponderando as implicações que possam resultar em termos de metodologia a seguir.” (Quivy & Campenhoudt, 2008)

Para se conseguir os objetivos pretendidos com este estudo, decidimos definir como conceitos centrais os seguintes pontos:

- Jornais diários;
- Jornalismo;
- Violência doméstica;
- Jornalistas;
- Forma de apresentação das notícias de violência doméstica;
- Tratamento das notícias.

A partir dos conceitos centrais, estabelecemos as seguintes hipóteses de estudo:

- Hipótese 1 – Os principais jornais e revista portugueses (diários e semanários) publicam notícias relacionadas com o crime de violência doméstica.
- Hipótese 2 – As notícias merecem destaque de 1.ª página.
- Hipótese 3 – Por norma, são notícias que abordam os diferentes tipos de violência doméstica.

“A metodologia em ciências sociais corresponde ao estudo sistemático dos métodos, concretizados em diferentes técnicas válidas e validadas permanentemente, métodos aqueles que devem ser planeados e apropriados aos objetos de análise de cada disciplina, em ordem à revisão permanente e

crítica do conhecimento científico.” (Santo, 2010: 11)

Neste trabalho, para encontrar resposta para as hipóteses em estudo, iremos utilizar essencialmente dois métodos:

Um método de índole quantitativa, usando uma técnica de pesquisa em ciências sociais de tipo documental. Para tal, escolhemos a análise de conteúdo como forma de nos possibilitar caracterizar e analisar os artigos noticiosos sobre violência doméstica publicados na imprensa escrita portuguesa.

Bardin (1977: 35) define o campo de análise de conteúdo como “um conjunto de técnicas de análise de comunicações”. De acordo com esta conceção é importante reter que existem diversos instrumentos ao dispor da análise de conteúdo que se direcionam para finalidades diversas no âmbito da vasta área da comunicação. A comunicação tem em comum “o transporte de significações de um emissor para um recetor controlado ou não por este” (Bardin, 1977: 36).

Para a análise das notícias de violência doméstica tivemos em primeiro lugar que definir quais os jornais e revista a seleccionar. Para o efeito, seguimos o critério das audiências estabelecido pelo estudo que a Marktest realizou em 2016, tendo como referência os seguintes dados:

Audiência Média por Tipo de Publicações em 2016 (%)

	Total 2016	Trimestre Mar/Mai 2016	Trimestre Set/Dez 2016
INFORMAÇÃO GERAL	31,2	30,7	31,7
<u>Circulação Paga</u>	30,0	29,2	30,7
Jornais Diários	24,6	24,0	25,3
Correio da Manhã	13,3	13,2	13,4
Jornal de Notícias	10,4	10,2	10,6
Público	5,0	5,1	4,9
Diário de Notícias	3,8	3,8	3,7
Jornal i	1,0	1,1	0,9
Jornais Semanais	6,8	7,3	6,3
Expresso	6,1	6,4	5,8
Sol	1,6	1,8	1,3
Revistas Semanais	6,8	6,7	6,9
Visão	5,2	5,0	5,3
Sábado	3,2	3,4	2,9
Revistas Mensais	1,0	1,0	1,0
Courrier Internacional	1,0	1,0	1,0
Base (ooo)	8564	8564	8564

Fonte: Marktest, Bareme Imprensa in Grupo Marktest, Anuário de Media e Publicidade 2016

- 2 jornais diários:
 - *Correio da Manhã* – é o diário com maior audiência em Portugal. Segundo dados da Marktest¹⁴ o *Correio da Manhã* em 2016 foi líder de audiências com 13,3%, cerca de 3% acima do jornal que se encontra em 2.º lugar, o *Jornal de Notícias*;
 - *Público* – de acordo com vários autores é considerado um jornal de referência nos diários portugueses de cobertura nacional. Não nos pareceu coerente escolher o jornal que ficou em 2.º lugar no estudo de audiências em 2016, na medida em que, atualmente, tem uma linha editorial similar à do *Correio da Manhã*. Por este motivo, a escolha do *Público* parece ser a mais adequada. Além de ter uma linha editorial distinta da do *Correio da Manhã*, encontra-se posicionado em 3.º lugar nas audiências de 2016, com 5%¹⁵.
- 1 jornal semanal:
 - *Expresso* – porque é o jornal semanal com maior audiência em 2016 (6,1%¹⁶), líder destacado uma vez que o *Jornal Sol* apenas tem 1,6%, de acordo com a mesma fonte.
- 1 revista de informação geral:
 - *Sábado* – apesar de não ser a revista com maior audiência, visto ter 3,2%¹⁷ em 2016, menos 2 pontos percentuais que a revista *Visão* (6,1%¹⁸), optou-se por esta revista por pertencer ao Grupo Cofina, diferente do grupo a que pertence a revista *Visão* (Grupo Imprensa), que é o mesmo grupo do jornal *Expresso* e, desta forma, poderemos analisar uma revista que poderá ter uma linha editorial com enquadramento distinto da revista do Grupo Imprensa.

Para o efeito, procedemos à análise dos jornais e revista acima referidos durante um período de 3 meses (dezembro de 2016 e janeiro e fevereiro de 2017).

A análise às publicações referidas consistiu na identificação de todos os itens noticiosos publicados no período considerado sobre violência doméstica. Uma vez isolados esses itens, procedeu-se à sua contabilização de acordo com as seguintes categorias:

¹⁴ Marktest, Bareme Imprensa in Grupo Marktest, Anuário de Media e Publicidade 2016

¹⁵ Marktest, Bareme Imprensa in Grupo Marktest, Anuário de Media e Publicidade 2016

¹⁶ Marktest, Bareme Imprensa in Grupo Marktest, Anuário de Media e Publicidade 2016

¹⁷ Marktest, Bareme Imprensa in Grupo Marktest, Anuário de Media e Publicidade 2016

¹⁸ Marktest, Bareme Imprensa in Grupo Marktest, Anuário de Media e Publicidade 2016

- Posição no jornal:
 - Primeira página (manchete; manchete com foto; falsa manchete; falsa manchete com foto; destaques);
 - Ou só no interior.
- Género jornalístico:
 - Notícia;
 - Notícia com foto;
 - Reportagem;
 - Reportagem com foto;
 - Entrevista;
 - Entrevista com foto;
 - Breve;
 - Breve com foto.
- Tipo de violência doméstica (física; psicológica/emocional; social; verbal; financeira/económica; destruição propriedade) versus tratamento jornalístico (1.ª página; notícia; reportagem; entrevista; breve).

Posteriormente, construímos tabelas para registo e análise dos itens recolhidos nos jornais.

Outro método que pretendemos utilizar, de natureza qualitativa, é a entrevista.

“Os métodos qualitativos na área das ciências sociais são direcionados para procedimentos centrados na investigação em profundidade, conduzida de acordo com procedimentos regulares, repetidos, e levados a cabo, sobretudo, em períodos mais centrados no médio e longos prazos. O objetivo destes métodos é o de permitir que a investigação possa recolher e refletir sobretudo aspetos mais enraizados, menos imediatos, dos hábitos dos sujeitos, grupos ou comunidades em análise e, simultaneamente, possa sustentar, de modo fundamentados na observação, a respetiva inferência ou interpretação dos seus hábitos.” (Santo, 2010: 25)

“A entrevista do ponto de vista do método é uma forma específica de interação social que tem como objetivo recolher dados para uma investigação. O investigador faz perguntas às pessoas capazes de fornecer dados de interesse, estabelecendo um diálogo peculiar, assimétrico, onde uma das partes procurar recolher informações, sendo a outra a fonte dessas informações. A vantagem essencial da entrevista reside no facto de serem os próprios atores sociais quem proporciona dos dados relativos

ás suas condutas, opiniões, desejos, atitudes e expectativas, os quais pela sua natureza é quase impossível observar de fora.” (Vilelas, 2009, 279)
“A entrevista em profundidade, típica de situações de aconselhamento como as que se realizam utilizando o método de Serviço Social de Casos ou as que decorrem em situações de aconselhamento vocacional, apresenta ainda um grande grau de liberdade no diálogo e profundidade na forma de abordagem temática por parte do entrevistado, ainda que inferior à clínica.” (Carmo & Ferreira, 1998: 130)

Através deste método pretendíamos procurar obter junto dos responsáveis pelas principais instituições que trabalham a temática da violência doméstica (Comissão para a Igualdade de Género (CIG); Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV); União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), a percepção sobre se as notícias de violência doméstica contribuem de alguma forma para que as vítimas denunciem as situações de que são alvo e se os cidadãos em geral estão mais despertos para denunciar estas mesmas situações, visto estarmos perante um crime público. E também pretendíamos falar com os órgãos de comunicação social analisados (*Correio da Manhã; Público; Expresso; Sábado*) para perceberem porque motivo noticiam as situações de violência doméstica.

Para a realização das entrevistas, no dia 14 de julho de 2017 enviamos para a caixa de correio eletrónico oficial de cada uma das instituições e órgãos de comunicação social um pedido de entrevista. Numa primeira fase apenas a CIG deu resposta, manifestando interesse, mas solicitando o envio do guião da entrevista para melhor análise da situação e definição do interlocutor adequado para ser nomeado para a entrevista. Após o envio do guião da entrevista para a CIG, passaram-se semanas sem obter qualquer resposta desta e de qualquer outra das instituições ou OCS contactadas. Tendo definido o dia 30 de outubro como data limite para a realização das entrevistas, visto não poder indefinidamente ficar a aguardar resposta, remeti pedido de insistência a 30 de setembro para todas as instituições e OCS. No início de outubro recebi e-mail da APAV com pedido de informação adicional sobre o tema do estudo, a qual remeti de imediato. Apesar de insistência subsequente não voltei a receber qualquer resposta. No tocante à CIG, recebi um e-mail a 29 de outubro com a informação que não procedem à análise das notícias publicadas nos OCS e que, como tal, entendem não ter qualquer contributo a dar no âmbito da presente dissertação de mestrado. Desta forma, não foi possível realizar as entrevistas e utilizar os dados que eventualmente resultariam das mesmas.

2.1. CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS DE ANÁLISE

2.1.1. Jornal *Correio da Manhã*

“O *Correio da Manhã* é um jornal generalista diário português, líder de mercado em Portugal, com mais de 110 mil exemplares vendidos por dia. O *Correio da Manhã* foi fundado em 1979 e adquirido pela Cofina em 2000 e fundado por Vítor Direito. Iniciou a sua publicação em 19 de março de 1979. Tal como os tabloides ingleses, é caracterizado por suas notícias de carácter sensacionalista.”¹⁹

“O *Correio da Manhã* é um grande jornal diário em língua portuguesa. Representa um projeto jornalístico de informação geral centrado nos interesses do leitor de Portugal, que diariamente procura servir e a quem dá voz na edição em papel, via net ou noutras plataformas técnicas de acesso à informação e à interatividade. O *Correio da Manhã* tem os seus leitores como único universo a servir. Com respeito pelas normas deontológicas que regem a profissão nas democracias avançadas, empenho, boa-fé e humildade no reconhecimento de eventuais erros, falhas ou imperfeições no exercício constante da atividade jornalística.”²⁰

2.1.2. Jornal *Público*

“A *Público Comunicação Social S. A.* que publica o jornal *Público* pertence ao grupo empresarial português Sonae e foi fundado em 1989. O seu primeiro diretor foi Vicente Jorge Silva. O primeiro número do *Público* saiu para as bancas em 5 de Março de 1990, com um Estatuto Editorial que ainda se encontra em vigor.”²¹

“O *Público* é um projeto de informação em sintonia com o processo de mudanças tecnológicas e de civilização no espaço público contemporâneo. É um jornal diário de grande informação, orientado por critérios de rigor e criatividade editorial, sem qualquer dependência de ordem ideológica, política e económica. O *Público* inscreve-se numa tradição europeia de jornalismo exigente e de qualidade, recusando o sensacionalismo e a exploração mercantil da matéria informativa.

¹⁹ [https://pt.wikipedia.org/wiki/Correio_da_Manh%C3%A3_\(Portugal\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Correio_da_Manh%C3%A3_(Portugal)) acessido em 29 de Fevereiro de 2016

²⁰ Excerto do Estatuto Editorial do *Correio da Manhã* (http://www.cmjornal.xl.pt/mais_cm/estatuto_editorial/detalhe/estatuto_editorial.html - acessido em 29 de Fevereiro de 2016)

²¹ [https://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%BAblico_\(jornal\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%BAblico_(jornal)) acessido em 29 de Fevereiro de 2016

Aposta numa informação diversificada, abrangendo os mais variados campos de atividade e correspondendo às motivações e interesses de um público plural”.²²

2.1.3. Jornal *Expresso*

“O semanário *Expresso* foi fundado a 6 de janeiro de 1973 e inicialmente dirigido por Francisco Pinto Balsemão. O *Expresso* é um jornal português de periodicidade semanal e o diretor é Pedro Santos Guerreiro, desde 6 de março de 2016.”²³

“Entendemos que as publicações de natureza informativa devem ser independentes do poder político e do poder económico, porque só assim cumprem a sua função perante a sociedade onde existem. Não concebemos, portanto, as publicações informativas como um instrumento ou um meio no serviço de determinados objetivos, por mais louváveis que estes sejam, mas como instituições autónomas, através das quais os cidadãos possam, em liberdade e no pluralismo, procurar o esclarecimento de que necessitam para o exercício das suas opções. O *Expresso* considera-se apto para exercer essa função porque não pertence ao estado nem a um partido político nem a qualquer grupo económico, não foi afetado direta ou indiretamente pelas nacionalizações e, apesar das muitas vicissitudes por que tem passado, nunca perdeu nem renunciou à sua capacidade de crítica.”²⁴

“Não existe a objetividade absoluta, mas tal não invalida a busca da verdade factual. É porque temos consciência da subjetividade que necessitamos procurar a objetividade. Ao jornalista cumpre buscar a verdade e divulgá-la. A pluralidade das fontes, o trabalho em equipa e a investigação cuidada e sem preconceitos contribuem para a prossecução da objetividade jornalística. Deve privilegiar-se o substantivo e ser parcimonioso no recurso ao adjetivo e ao advérbio; estes estão a um passo da formulação de um juízo de valor. O condicional deve ser utilizado excecionalmente.”²⁵

2.1.4. Revista *Sábado*

“A *Sábado* é o nome de uma revista semanal portuguesa de informação geral, tendo sido lançada a 7 de maio de 2004. Tem uma periodicidade semanal e, apesar

²² Excerto do Estatuto Editorial do Público (<http://blogues.publico.pt/provedordoleitor/2010/03/01/estatuto-editorial-do-publico/> - acessado em 29 de Fevereiro de 2016)

²³ [https://pt.wikipedia.org/wiki/Expresso_\(Portugal\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Expresso_(Portugal)) acessado em 5 de dezembro de 2017

²⁴ In Estatuto editorial (<http://expresso.sapo.pt/informacao/2015-05-03-Estatuto-editorial-1> acessado em 5 de dezembro de 2017)

²⁵ In Código de Conduta dos jornalistas do *Expresso* (<http://expresso.sapo.pt/informacao/codigoconduta/codigo-de-conduta-dos-jornalistas-do-expresso=f198040> acessado em 5 de dezembro de 2017)

do nome, sai nas bancas à quinta-feira - antes de 12 de janeiro de 2006 saía à sexta-feira. É editada em Lisboa e dirigida por Rui Hortelão. Pertence ao Grupo Cofina e teve como primeiro diretor o jornalista João Govern.”²⁶

“A *Sábado* é uma revista semanal de Grande Informação, dirigida com total independência política, ideológica, religiosa e económica e escrupulosamente respeitadora da Constituição da República Portuguesa. Desenvolve a sua atividade editorial com absoluta liberdade e rigor, na melhor tradição de um jornalismo de qualidade, privilegiando o interesse público. Debate as grandes questões nacionais e internacionais, empenhando-se na criação de uma opinião pública forte, interessada e participativa que reforce uma sociedade democrática e plural. Defende uma informação aberta a todas as áreas da atividade humana, sem exceção, numa perspetiva de corresponder ao interesse do leitor, cuja expectativa procura satisfazer dentro dos limites da lei, do bom senso e do bom gosto.”²⁷

²⁶ [https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A1bado_\(revista\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A1bado_(revista)) acedida em 5 de dezembro de 2017

²⁷ In Estatuto editorial (http://www.sabado.pt/a-sabado/detalhe/estatuto-editorial?ref=Geral_Footer_HP) acedido em 5 de dezembro de 2017

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Apresentamos neste capítulo os resultados obtidos com o presente estudo. Os resultados resultam da recolha de dados através da análise de conteúdo das notícias sobre violência doméstica publicadas nos órgãos de comunicação social e no período temporal acima referido.

Para o efeito, procedemos à construção de tabelas para recolha dos dados, os quais iremos analisar seguidamente.

3.1. NÚMERO DE ITENS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Em primeiro lugar procuramos verificar nos jornais e revista selecionados se existiam notícias que abordassem a temática da violência doméstica, fazendo uma análise diária e registando os dados recolhidos.

Da análise do quadro resumo, constatamos que nos meses de dezembro de 2016 e janeiro de 2017 o número de itens de violência doméstica é mais do dobro do verificado no mês de fevereiro. Como as notícias de violência doméstica poderão estar dependentes do número de crimes desta natureza, não existindo ainda dados consolidados de janeiro e fevereiro de 2017 quanto a esta tipologia criminal²⁸ não é possível efetuar uma análise que possamos encontrar uma explicação para esta diferença.

N.º de Itens de Violência Doméstica – Dados globais

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
dez/16	1	0	1	0	0	1	2	0	0	1	1	0	1	0	0	1	2	1	1	2	2	2	0	1	0	0	0	0	0	1	1	22
jan/17	1	0	0	1	1	2	2	2	1	1	1	1	1	2	0	1	0	1	0	1	2	1	1	1	1	0	0	1	0	1	0	27
fev/17	0	0	0	1	1	0	1	0	2	0	1	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	11
TOTAL	2	0	1	2	2	3	5	2	3	2	3	1	2	2	0	3	3	3	1	3	4	4	1	2	1	0	0	2	0	2	1	60

Quadro I – N.º de Itens de Violência Doméstica publicados no *Correio da Manhã*, *Público*, *Expresso* e *Revista Sábado*, nos meses e dias indicados no quadro²⁹

Numa análise mais detalhada, referente aos dados do quadro a seguir indicado, constatamos que 88,33% das notícias de violência doméstica publicadas nos jornais e revistas selecionados, no período em estudo, resultam de artigos publicados no

²⁸ Os dados oficiais da criminalidade são publicados no Relatório Anual de Segurança Interna, o qual por norma é entregue na Assembleia da República em 31 de março, e contém dados reportados ao ano anterior.

²⁹ Corresponde ao Quadro V do Anexo 5

Correio da Manhã, 10% no *Público*, 1,67% no *Expresso* e nenhuma notícia foi publicada na *Revista Sábado*. Esta diferença substancial, em que claramente se destaca o *Correio da Manhã* em relação aos outros jornais/revista analisados, poderá ter a ver com o facto de seguir uma linha editorial mais virada para as questões sociais, dando realce e destaque a notícias que envolvem a prática de crimes. Ao contrário, o *Público* e o *Expresso* são jornais que por norma privilegiam questões de política, quer de âmbito partidário, quer as políticas públicas: educação, justiça, etc. Por outro lado, no *Expresso* e na *Revista Sábado* nunca teríamos a pretensão de ter um número equivalente de notícias ao eventualmente existente no *Correio da Manhã* e no *Público*, já que os dois primeiros têm periodicidade diária e os dois últimos semanal. Ainda assim, registamos o facto da *Revista Sábado* não publicar qualquer notícia sobre violência doméstica num período de 3 meses, na medida em que esta revista publica artigos em que são debatidos temas em destaque na sociedade, e pelo que já abordamos a violência doméstica constitui hoje na sociedade portuguesa um assunto a que é dada bastante importância.

N.º de Itens de Violência Doméstica – Dados globais

	dez/16	jan/17	fev/17	Total	% do Total
Correio da Manhã	17	26	10	53	88,33
Público	4	1	1	6	10,00
Expresso	1	0	0	1	1,67
Sábado	0	0	0	0	0,00
Total	22	27	11	60	100,00

Quadro II – N.º de Itens de Violência Doméstica publicados no *Correio da Manhã*, *Público*, *Expresso* e *Revista Sábado*, nos meses indicados no quadro

3.2. NÚMERO DE NOTÍCIAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA PUBLICADAS NA 1.ª PÁGINA

Procuramos de seguida perceber se as notícias de violência doméstica merecem destaque de 1.ª página. Em particular no *Correio da Manhã*, jornal com maior número de notícias desta tipologia criminal, constatamos que apenas 9 (16,98%) das 53 notícias tiveram destaque de 1.ª página. No *Público*, 1 das 6 notícias (16,67%) surge na 1.ª página, enquanto no *Expresso* e na *Revista Sábado* não existe qualquer registo. Considerando que existe a percepção que a temática da violência

doméstica é cada vez mais atual e debatida pela sociedade, não deixa de ser surpreendente que o jornal com maior audiência no país apenas dê destaque de 1.^a página a 9 notícias de violência doméstica, num universo de 53 notícias deste tema, quando este jornal poderia ter um papel importante na mudança de mentalidades e no despertar de consciências para este fenómeno que anualmente é responsável pela morte de inúmeras mulheres.

Tendo como princípio que as notícias de primeira página resultam de escolhas dos jornalistas, e que ao ter essa opção estão a chamar a atenção para uma determinada temática e a dar-lhe muito destaque. Consideramos importante referir que quando comparamos o número de notícias de violência doméstica publicadas pelo *Correio da Manhã* e pelo *Público*, verificamos que apesar de a diferença ser considerável, já no tocante ao destaque que cada um destes jornais dá a essas notícias, publicando-as na 1.^a página, o *Público* atribui praticamente a mesma relevância ao tema, visto que a percentagem entre número total de notícias publicadas no jornal versus notícias publicadas na 1.^a página é quase idêntica no *Correio da Manhã* e no *Público*.

N.º de notícias de violência doméstica publicadas na 1.^a página – Dados globais

	dez/16	jan/17	fev/17	Total 1. ^a Página	% do Total 1. ^a Página	Total Itens VD	% 1. ^a Página versus Itens VD
Correio da Manhã	1	7	1	9	90,00	53	16,98
Público	0	1	0	1	10,00	6	16,67
Expresso	0	0	0	0	0,00	1	0,00
Sábado	0	0	0	0	0,00	0	0,00
Total	1	8	1	10	100,00	60	16,67

Quadro III – N.º de notícias de violência doméstica publicadas na 1.^a página no *Correio da Manhã*, *Público*, *Expresso* e *Revista Sábado*, nos meses indicados no quadro

3.3. PRESENÇA NA 1.^a PÁGINA

Tendo procedido à análise das notícias publicadas na 1.^a página do *Correio da Manhã* e do *Público*, verifica-se que quanto à tipologia se dividem por manchete com foto (2), falsa manchete com foto (3) e destaque (5). Podemos constatar que das poucas notícias de violência doméstica publicadas na 1.^a página dos jornais, 50% mereceram apenas ser apresentadas como destaque o que poderá indiciar que

estes jornais ainda não dão a importância suficiente a estas notícias para que sejam objeto de publicação na 1.^a página como manchete. Procurando aprofundar esta questão, em particular na única notícia que o *Público* colocou na 1.^a página verificamos dizer respeito a uma parte específica relativa ao crime de violência doméstica – a violência no namoro – mencionando que as denúncias têm vindo a aumentar todos os anos, com destaque para os abusos pela internet.

Por outro lado, da análise efetuada foi possível verificar que as 9 notícias publicadas na 1.^a página pelo *Correio da Manhã* dizem respeito a apenas duas situações de violência doméstica, que pela sua gravidade, consequências e impacto mediático terão merecido por parte do jornal este relevo. Numa primeira situação, envolvendo um indivíduo que matou várias pessoas e que estava referenciado por vários crimes de violência doméstica, a notícia foi objeto de primeira página durante 3 dias seguidos. Numa outra ocorrência, na sequência de várias queixas de violência doméstica, o suspeito sequestrou, maltratou e manteve desaparecida por vários dias a vítima, pelo que durante 10 dias seguidos o *Correio da Manhã* noticiou esta situação dando-lhe destaque de primeira página em 6 dias.

Total Tipo 1.^a Página – Dados globais

	Correio da Manhã	Público	Expresso	Revista Sábado	Total
Manchete	0	0	0	0	0
Manchete c/ foto	2	0	0	0	2
Falsa manchete	0	0	0	0	0
Falsa manchete c/ foto	3	0	0	0	3
Destaques	4	1	0	0	5
Total	9	1	0	0	10

Quadro IV – Total tipo 1.^a página nos meses de DEC16, JAN e FEV17

3.4. GÉNERO JORNALÍSTICO

Seguidamente procedemos a uma análise do texto das notícias para perceber de que forma os OCS analisam e publicam as notícias de violência doméstica. A maior parte são publicadas como notícias com foto (23), seguido de notícias (15), de breves (13), reportagens com foto (6) e reportagem (1).

Efetuada uma análise mais detalhada, verificamos que no *Correio da Manhã* existem 64,15% de notícias (com e sem foto), o que poderá revelar uma preocupação em dar a conhecer ao público com algum detalhe todos os factos que envolveram as situações de violência doméstica publicadas por esse jornal.

No tocante ao *Público*, apenas uma notícia diz respeito a uma situação concreta de violência doméstica, mas que não é resultante de um crime ocorrido nos dias anteriores. A notícia diz respeito ao depoimento prestado em audiência de julgamento por uma figura pública do sexo masculino, que está a ser acusado do crime de violência doméstica pela ex-mulher, também figura pública. Todas as restantes notícias dizem respeito à apresentação de estudos, projetos de lei ou dados estatísticos sobre o fenómeno, em relação aos quais analisa o tema e o seu desenvolvimento em Portugal. Não é, por isso, despiciente referir que o *Público* parece mais preocupado em apresentar o fenómeno da violência doméstica numa perspectiva de análise e estudo do problema do que fazer notícias sobre casos concretos. A exceção diz respeito a uma situação de violência doméstica entre um casal conhecido da opinião pública, o homem por ter desempenhado diversos cargos políticos e a mulher por ser uma das principais apresentadoras de um dos canais de televisão com maior audiência, o que dá destaque e confere visibilidade ao crime de violência doméstica. Também nos parece relevante referir que em todas as publicações que o *Público* efetuou no período em estudo sobre violência doméstica, existe pelo menos uma fotografia a acompanhar o texto da notícia ou da reportagem. Considerando que a publicação de meras notícias ou peças breves significa um tratamento mais sucinto do tema e colado à atualidade imediata, assim como a elaboração de uma reportagem revela maior dedicação ao tema, a inserção de fotos na reportagem, além de questões gráficas, confere mais valor à peça jornalística. E no *Público*, todas as reportagens publicadas, assim como as notícias, foram acompanhadas de foto, o que pode indicar uma preocupação deste jornal em valorizar o tema da violência doméstica.

Já o expresso na única notícia publicada no período em estudo, apresenta uma reportagem sobre dados estatísticos apresentados pela APAV e pela UMAR, colocando o enfoque na evolução que a sensibilização da sociedade para este fenómeno tem tido e que os portugueses estão cada vez mais conscientes para o mesmo. A este propósito, por nos parecer relevante na análise desta questão, transcrevemos um excerto desta reportagem “*A sensibilização da sociedade civil é*

a grande marca da evolução dos últimos 15 anos do combate à violência doméstica. Ela não desapareceu, mas tornou-se crime público, entrou na agenda mediática e passou a ser malvista pela sociedade”³⁰, a qual mais à frente será objeto de apreciação. Mas da análise dos artigos publicados sobre este tema, também podemos verificar que não existe um único editorial, crónica ou artigo de opinião, o que poderá revelar a existência de falta de debate público nestes OCS. A falta de debate de opiniões sobre este tema é um aspeto relevante e que nos leva a refletir sobre que objetivos se pretendem alcançar com a transmissão de apenas casos concretos ou de dados estatísticos.

Total Género Jornalístico – Dados globais

	Correio da Manhã	Público	Expresso	Revista Sábado	Total
Notícia	15	0	0	0	15
Notícia c/ foto	19	4	0	0	23
Reportagem	0	0	1	0	1
Reportagem c/ foto	6	2	0	0	8
Entrevista	0	0	0	0	0
Entrevista c/ foto	0	0	0	0	0
Breve	13	0	0	0	13
Breve c/ foto	0	0	0	0	0
Total	53	6	1	0	60

Quadro V – Total género jornalístico nos meses de DEC16, JAN e FEV17

3.5. TIPO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E TRATAMENTO JORNALÍSTICO

Quisemos ainda perceber que tipo de violência doméstica é alvo de notícia por comparação com o tratamento jornalístico dada à mesma.

A recolha destes dados foi efetuada através da análise das notícias, nos moldes já referidos, mas em que se registou todos os tipos de violência doméstica que possam ser referidos em cada uma das notícias. Daí que o número total seja superior ao número de notícias referenciadas, visto que numa mesma notícia pode existir referência a mais do que um tipo de violência doméstica.

³⁰ Jornal *Expresso* de 17 de dezembro de 2016

Feita uma análise mais detalhada, percebemos que no *Correio da Manhã* mais de metade das notícias dá especial destaque a situações que envolvem a violência física. Se por um lado este aspeto poderá revelar que a maioria destes crimes é praticada com recurso a agressões físicas, também poderá indiciar que o *Correio da Manhã* aposta maioritariamente neste tipo de violência doméstica face ao impacto que tem sobre o público e o mediatismo que desperta face às consequências visíveis sobre as vítimas.

Tipo VD e Tratamento Jornalístico – *Correio da Manhã*

Tipos Violência Doméstica	TOTAL DEZEMBRO16/JANEIRO/FEVEREIRO 2017					
	Tratamento Jornalístico					
	1ª Página	Notícia	Reportagem	Entrevista	Breve	TOTAL
Física	0	25	6	0	6	37
Psicológica / Emocional	0	3	1	0	1	5
Social	0	3	1	0	1	5
Verbal	0	3	1	0	2	6
Financeira / Económica	0	2	1	0	1	4
Destruição Propriedade	0	2	1	0	1	4
TOTAL	0	38	11	0	12	61

Quadro VI – Tipo VD versus Tratamento Jornalístico no *Correio da Manhã*, nos meses em estudo³¹

Já no que diz respeito ao *Público* constata-se que são abordados genericamente os diversos tipos de violência doméstica. A circunstância de os artigos que este jornal publica sobre a violência doméstica terem essencialmente a ver com estudos / dados estatísticos, com exceção de uma situação, pode contribuir para que os tipos de violência doméstica sejam abordados na sua plenitude e de forma equilibrada, não existindo predominância da violência física como sucede no *Correio da Manhã*. Tal forma de apresentar o tema também poderá estar relacionada com a mensagem que o *Público* poderá pretender transmitir sobre este assunto. Mais do que apresentar casos concretos, esmiuçando-os, preocupa-se em apresentar o tema na perspetiva de dar a conhecer o fenómeno, medidas a implementar em termos legislativos e estruturas de apoios às vítimas. A exemplo do *Correio da Manhã*

³¹ Corresponde ao Quadro LXXXIX do Anexo 5

também se verifica que na 1.^a página não existe qualquer referência a tipos de violência doméstica.

Tipo VD versus Tratamento Jornalístico no *Público*

Tipos Violência Doméstica	DIA	TOTAL DEZEMBRO 16/JANEIRO/FEVEREIRO 2017					
		Tratamento Jornalístico					
		1 ^a Página	Notícia	Reportagem	Entrevista	Breve	TOTAL
Física		0	2	1	0	0	3
Psicológica / Emocional		0	1	1	0	0	2
Social		0	1	1	0	0	2
Verbal		0	1	1	0	0	2
Financeira / Económica		0	1	1	0	0	2
Destruição Propriedade		0	1	1	0	0	2
TOTAL		0	7	6	0	0	13

Quadro VII – Tipo VD versus Tratamento Jornalístico no *Público*, nos meses em estudo³²

No *Expresso*, a única publicação existente nos 3 meses em estudo, diz respeito a uma reportagem que aborda todos os tipos de violência doméstica. A forma de apresentar o tema parece-nos estar em linha com o tipo de jornal que é o *Expresso*, o qual por norma apresenta os assuntos de forma detalhada e circunstanciada, procurando aprofundar os temas.

Tipo VD versus Tratamento Jornalístico no *Expresso*

Tipos Violência Doméstica		TOTAL DEZEMBRO 16/JANEIRO/FEVEREIRO 2017					
		Tratamento Jornalístico					
		1 ^a Página	Notícia	Reportagem	Entrevista	Breve	TOTAL
Física		0	0	1	0	0	1
Psicológica / Emocional		0	0	1	0	0	1
Social		0	0	1	0	0	1
Verbal		0	0	1	0	0	1
Financeira / Económica		0	0	1	0	0	1
Destruição Propriedade		0	0	1	0	0	1
TOTAL		0	0	6	0	0	6

Quadro VIII – Tipo VD versus Tratamento Jornalístico no *Expresso*, nos meses em estudo³³

³² Corresponde ao Quadro XCII do Anexo 5

³³ Corresponde ao Quadro XCVI do Anexo 5

CONCLUSÕES

Em primeiro lugar iremos começar por relembrar de forma breve o nosso percurso teórico, para compreendermos o caminho que seguimos até chegar a este ponto do trabalho.

A partir da segunda metade do século passado, em especial após o fim da 2.^a Grande Guerra Mundial e com o trabalho desenvolvido pela ONU, de onde se destaca a Carta Universal dos Direitos Humanos, aprovada em 1948, começaram a surgir e a ser reforçados um conjunto de princípios e de direitos gerais que assistem às vítimas. Em Portugal, com o 25 de abril de 1974 e, posteriormente, com a Constituição de 1976 foram consagrados um conjunto de direitos constitucionais que estabeleceram direitos de igualdade na família, no trabalho e na sociedade. Sem prejuízo destas garantias constitucionais, a realidade tem mostrado que no tocante ao crime de violência doméstica, o qual tem tido uma expressão muito relevante nos últimos anos, a aprovação do Plano Nacional Contra a Violência Doméstica, que já vai na 5.^a versão, é um documento legal essencial no delinear de estratégias no sentido da proteção das vítimas, da intervenção junto de agressores(as), do aprofundamento do conhecimento dos fenómenos associados, da prevenção dos mesmos, da qualificação dos(as) profissionais envolvidos(as) e do reforço de estruturas de apoio e de atendimento às vítimas existente no país.

Ao longo deste Mestrado, analisamos de forma detalhada a importância que as notícias podem ter na construção social da realidade, especialmente nas sociedades democráticas, onde existe um acesso generalizado à informação. E neste sentido, também em certa medida a atividade jornalística contribui, por exemplo, para a existência de grande parte das notícias.

A necessidade de conhecer e saber o que se passa em nosso redor é algo que faz parte da própria essência do ser humano. E é por isso, “que as notícias têm um papel fundamental no dia-a-dia das pessoas, permitindo-nos estar permanentemente informados e, dessa forma, dispormos de informação suficiente para sabermos qual o caminho a seguir perante determinadas situações com que somos confrontados.” (Kovach e Rosentiel, 2004: 15-16)

Através do jornalismo, as pessoas têm a possibilidade de satisfazer este instinto de conhecimento, tendo inclusive a possibilidade de se fazer ouvir e de colocar na agenda os principais problemas da sociedade, debatê-los e procurar uma solução para os mesmos. (Kovach e Rosentiel, 2004).

E um jornalista poderá ter uma função social determinante na construção social da realidade, através do trabalho que desenvolve, fazendo chegar às pessoas informação sobre as mais diversas áreas da sociedade, daquilo que são os principais assuntos e tendências do

país. “Os jornalistas têm óculos especiais a partir dos quais veem certas coisas, e não outras. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado.” (Bourdieu, 1977: 25)

E como resultado do que explanamos no enquadramento teórico, o papel dos jornalistas, enquanto agentes ativos na sociedade, e não observadores passivos, na produção e difusão de notícias é determinante na organização do quotidiano, na visibilidade pública que atribuem aos acontecimentos e na construção social da realidade, a qual não pode ser dissociada do trabalho de exclusão, seleção ou relevo dado a determinado aspeto do acontecimento. (Tuchman, 1978)

Um elemento essencial para a definição de noticiabilidade são os chamados *valores-notícia*, os quais se aplicam em todas as fases da atividade jornalística, surgindo desde quando se avalia a noticiabilidade do acontecimento, prosseguindo em todo o restante percurso da atividade jornalística, até à apresentação e edição dos noticiários. Tem ainda influência no próprio público, o qual contagiado e estimulado pelos critérios dominantes, acaba, em muitos casos, na sua avaliação da informação, por se socorrer desses mesmos critérios – e até exigí-los aos próprios *media*. (Correia, 1997)

“Como construção, as notícias são narrativas, estórias marcadas pela cultura” (Traquina, 2001: 52) e “os meios noticiosos conferem notoriedade pública a determinadas ocorrências, ideias e temáticas” (Sousa, 2000: 22). A construção social da realidade poderá assim ser modelada pelas notícias que diariamente surgem nos órgãos de comunicação social e a apresentação sistemática de determinados temas leva a que uma generalidade considerável de público seja “influenciado” pela forma como são apresentados e discutidos, conseguindo dessa forma passar uma mensagem para a opinião pública em geral.

Começamos assim a perceber que os meios de comunicação social ao apresentarem determinados temas levam as pessoas a pensar e a refletir sobre eles. Mas mais do que colocar as pessoas a pensar de uma determinada maneira, os *media* conseguem colocar em debate e ser objeto de preocupação pública um conjunto de acontecimentos de que de outra forma poderiam passar despercebidos.

A violência doméstica é um crime previsto no Código Penal Português e abrange um conjunto alargado de práticas de natureza física ou psíquicas das quais resulte castigos corporais, privações de liberdade e ofensas sexuais ao cônjuge ou ex-cônjuge, a pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação, a progenitor de descendente comum em 1.º grau ou a pessoa particularmente indefesa, em razão de idade, deficiência, doença, gravidez ou dependência económica, que com ele coabite. Esta tipologia criminal pode

assumir diversos tipos, dos quais destacamos os mais comuns: física; sexual; psicológica/emocional; social; verbal; financeira/económica; destruição de propriedade.

Tendo como referência o Relatório Anual de Segurança Interna (RASI) 2016, o crime de violência doméstica foi o 2.º com mais participações criminais (2015 – 22469 crimes; 2016 – 22773 crimes) no conjunto da criminalidade geral, logo a seguir ao crime de ofensas à integridade física voluntária simples (2015 – 23720 crimes; 2016 – 23173 crimes) e acima dos crimes englobados no grupo dos crimes contra o património. (RASI, 2016)

Estes dados são reveladores da dimensão do fenómeno, o qual apresenta um número de participações criminais muito relevante e que deve merecer atenção e preocupação permanente.

E foi na conjugação destes dois fatores – as notícias podem ser importantes na construção social da realidade; e a dimensão do fenómeno da violência doméstica – que pensamos ser relevante estudar de que forma a publicação de notícias de violência doméstica pode contribuir para o despertar de consciências sobre esta temática, até porque o trabalho na área da violência doméstica revela que a comunicação social pode ter um papel fundamental na prevenção do fenómeno, assim como constituir um veículo primordial de informação para as vítimas.

Tendo como base estes fatores, estabelecemos de seguida a nossa pergunta de partida *“De que forma a imprensa portuguesa trata os diferentes tipos de violência doméstica, considerando a relevância e a visibilidade pública que lhe é atribuída através do tratamento jornalístico?”*

Pretendemos compreender se os jornais publicam notícias relacionadas com a violência doméstica, verificando se são noticiadas na 1.ª página e que tipo de abordagem é efetuada no interior do jornal, percebendo de que forma falam desta temática.

Para se conseguir os objetivos pretendidos com este estudo, decidimos definir como conceitos centrais os seguintes pontos (jornais diários; jornalismo; violência doméstica; jornalistas; forma de apresentação das notícias de violência doméstica; e tratamento das notícias).

A partir dos conceitos centrais, estabelecemos as seguintes hipóteses de estudo:

- **Hipótese 1** – Os principais jornais e revista portugueses (diários e semanários) publicam notícias relacionadas com o crime de violência doméstica.
- **Hipótese 2** – As notícias merecem destaque de 1.ª página.
- **Hipótese 3** – Por norma, são notícias que abordam os diferentes tipos de violência doméstica.

Para encontrar resposta para as hipóteses em estudo, procuramos utilizar um método de natureza quantitativa, através da análise de conteúdo das notícias de violência doméstica, assim como um método de natureza qualitativa, a entrevista.

Pelos motivos já anteriormente elencados, apenas nos foi possível utilizar o método de natureza quantitativa. Para tal, socorrendo-nos do critério das audiências (estudo da Marktest – audiência média por tipo de publicações em 2016), escolhemos 2 jornais diários (*Correio da Manhã* e *Público*), 1 jornal semanal (*Expresso*) e uma revista semanal (*Sábado*), tendo procedido à análise das notícias publicadas nos mesmos, diariamente, durante 3 meses seguidos (dezembro de 2016 e janeiro e fevereiro de 2017). Após essa análise, identificaram-se os itens noticiosos publicados sobre a violência doméstica, procedendo-se à sua contabilização de acordo com as seguintes categorias: posição no jornal; género jornalístico; tipo de violência doméstica versus tratamento jornalístico. Posteriormente, construímos tabelas para registo e análise dos itens recolhidos nos jornais e revista seleccionados.

Analisados os dados recolhidos confirmamos parcialmente a 1.^a hipótese do nosso estudo. Efetivamente os principais jornais publicam notícias de violência doméstica, em especial os jornais diários. No entanto, no período em estudo a revista *Sábado* não publicou uma única notícia sobre violência doméstica. Mas também concluímos que 88,3% das notícias de violência doméstica foram publicadas no *Correio da Manhã*, destacando-se claramente dos restantes, o que pode revelar que este jornal seleciona notícias que envolvem a prática de crimes, por ser um assunto com forte impacto social, seguindo uma linha editorial mais virada para este tipo de questões que os outros jornais. No entanto, no período em estudo, que englobava cerca de 90 dias, existiram um considerável número de dias em que esta temática não foi alvo de notícia. Considerando que existe a perceção de que existem cada vez mais páginas na internet com informação sobre o tema, assim como a ideia de que os OCS falam muito sobre este tema, não deixa de ser importante registar que o número de notícias publicado em termos globais não é muito elevado.

Passamos de seguida à análise das notícias publicadas na 1.^a página, constatando que a hipótese número 2 também se confirma mas não com a expressão que a acuidade e a importância do tema poderia merecer, na perspetiva que o papel a desempenhar pelos OCS nesta matéria, em particular no despertar de consciências para este tipo de criminalidade e para a necessidade do caminho a seguir para mudar mentalidades e apoiar as vítimas, é de extrema relevância enquanto construtores sociais da realidade já que poderão ter um papel importante no despertar de consciências para este fenómeno que anualmente é responsável

pela morte de inúmeras mulheres. Tendo como princípio que as notícias de primeira página resultam de escolhas dos jornalistas, e que ao ter essa opção estão a chamar a atenção para uma determinada temática e a dar-lhe muito destaque também concluímos que quando comparamos o número de notícias de violência doméstica publicadas pelo *Correio da Manhã* e pelo *Público*, verificamos que apesar de a diferença ser considerável, já no tocante ao destaque que cada um destes jornais dá a essas notícias, publicando-as na 1.^a página, o *Público* atribui praticamente a mesma relevância ao tema, visto que a percentagem entre número total de notícias publicadas no jornal versus notícias publicadas na 1.^a página é quase idêntica no *Correio da Manhã* e no *Público*.

Por último, também confirmamos a nossa 3.^a hipótese, verificando que por norma as notícias abordam os diferentes tipos de violência doméstica, com prevalência acentuada para a violência física. Em especial o *Correio da Manhã*, foca muito as notícias que publica nesta tipologia de violência relegando para 2.^o plano os outros tipos de violência doméstica. Sem dúvida que o impacto junto do público e o mediatismo provocado pelas notícias de violência física é superior ao de outras tipologias, face às consequências visíveis sobre as vítimas. No *Público*, em que a abordagem a esta temática se centra essencialmente em apresentar estudos / dados estatísticos sobre o fenómeno, as notícias apresentam de forma transversal as diferentes tipologias da violência doméstica. Também o *Expresso*, na única reportagem sobre o tema, aborda de forma transversal as diferentes tipologias da violência doméstica.

Mas em termos globais, percebemos que é a violência física que tem maior destaque nas notícias de violência doméstica. E como fomos vendo ao longo deste estudo, as notícias contribuem para a construção social da realidade e os jornalistas, através do seu trabalho diário de observação da sociedade, selecionam uns acontecimentos em detrimento de outros constituindo-se como participantes ativos na construção da realidade. A teoria estruturalista e a teoria interacionista não concordam que o conhecimento surja exclusivamente da experiência. “Estas duas teorias consideram que as notícias resultam da complexidade de relações e processos resultantes de tudo aquilo que envolve a sociedade em que estamos inseridos.” (Traquina, 2001: 51) E também a teoria da *agenda-setting* os diz que a abordagem de assuntos concretos por parte da comunicação social pode criar um certo tipo de efeitos cumulativos a curto prazo. Desta forma, tendo as notícias um papel relevante na construção daquilo que é a perceção que as pessoas constroem dos diversos acontecimentos, bem como considerando que a comunicação social pode influenciar o pensamento público, não podemos deixar de refletir sobre a forma como o crime de violência doméstica é, na

grande maioria das situações, apresentado ao público. O tema é genericamente apresentado como um crime praticado através da violência física, deixando praticamente de parte todas as restantes tipologias deste crime. Assim, quando determinado assunto é abordado de uma determinada forma e lhe é dada determinada ênfase nos *media* maior será a importância que o público lhe atribuirá na sua agenda, do qual existirá um efeito social direto sobre as pessoas, já que de alguma forma os *media* são muito eficazes a dizer às pessoas sobre o que pensar. Daqui poderá resultar que as pessoas “construam” a ideia de que o crime de violência doméstica apenas existe se se verificar o confronto físico, sendo por isso muito redutor na apreciação do tema. Pode inclusive levar a que supostas vítimas deste tipo de crime, sujeitas ao mesmo através de outros tipos de violência além da física, julguem que o agressor não está a cometer qualquer crime e que, dessa forma, não valerá a pena denunciarem os maus tratos a que estão sujeitas.

Chegados a este ponto do trabalho, temos consciência que o presente estudo apresenta limitações em determinados pontos. No entanto, com o prazo de um ano para a sua realização, tornou-se necessário tomar determinadas opções, seguindo caminhos e canalizando a investigação numa determinada direção. Sem dúvida que o estudo ficaria muito mais rico se procedêssemos a uma análise ainda mais detalhadas das notícias publicadas nos jornais, por exemplo no período temporal, mas também no número de jornais escolhidos. Por outro lado, apesar de termos tentado seguir esse caminho, mas que pelos motivos já explanados não foi possível alcançar, o resultado de entrevistas aos principais responsáveis, quer na área jornalística, mas também das principais organizações que estão ligadas ao combate a este fenómeno, traria uma visão mais aprofundada a este estudo.

Tendo como base este e outros estudos sobre esta matéria e perspetivando futuras investigações, seria interessante analisar de que forma as notícias de violência doméstica contribuíram para que as vítimas deste tipo de crime tenham “arranjado” coragem para denunciar os agressores, ou se a informação dada por essas notícias, no tocante aos procedimentos legais ou à existência de instituições de apoio a estas vítimas, as auxiliou no caminho a seguir.

BIBLIOGRAFIA

- Alves, J. (2016). *A Guarda Nacional Republicana e o Apoio à Vítima de Violência Doméstica: Estudo de Caso do Comando Territorial do Porto*. Dissertação
- Associação Portuguesa de Apoio á Vítima [APAV] (2010). *Para o Atendimento de Mulheres Vítimas de Violência Doméstica: Manual Alcipe*. Lisboa: APAV
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Berger, C. (1998). *Campos em confronto: a terra e o texto*. Porto Alegre: Da Universidade O Sul.
- Bourdieu, P. (1997). *Sobre a Televisão*, Lisboa: Celta Editora
- Cahill, T. (2010). *The gifts of the Jews: How a tribe of desert nomads changed the way everyone thinks and feels (Vol. 2)*. Anchor
- Cardoso, C. (2012). *A violência doméstica e as penas acessórias* (Doctoral dissertation).
- Carey, J. (1997). *James Carey: A critical reader*. Ed. Eve Stryker Munson e Catherine A. Warren, Minneapolis/Londres: University of Minnesota Press, 1977, 235
- Carmo, H. & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação – Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta
- Código Penal Português – 40ª edição – Lei n.º 110/2015, de 26/08. Disponível em http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=109&tabela=leis [acedido em 29 de Fevereiro de 2016].
- Cohen, B. (1963). *The press and foreign policy*. In BERELSON, B & JANOWITZ, M (eds.) (1966). *Reader in Public Opinion and Communication*. New York: The Free Press.
- Correia, F. (1997). *Os Jornalistas e as Notícias*. Lisboa: Editorial Caminho, SA
- Da Silva, A. (2012). *Revisão bibliográfica sobre a violência doméstica contra a mulher*.
- Direção geral de saúde (2003). *Estratégias de Combate à Violência Doméstica: Manual de Recursos*, Lisboa.
- Edmund, C. (1965). *Tipografia y Diagramado para Periódicos*. Nova Iorque: Mergenthaler Linotype Company

- Ferreira, G. (2002). *Apontamentos sobre as propriedades do campo de produção jornalístico*. Pauta Geral, Salvador, 4, p. 243-258.
- Fraga, P. (2002). *Violência: forma de dilaceramento do ser social*. *Serviço Social e Sociedade*, 70, 44-58.
- Franciscato, C. (2005). *A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe.
- Genro filho, A. (1987). *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tchê.
- Gomis, L. (1991). *Teoría del periodismo: como se forma el presente*. Barcelona: Paidós.
- Guarda Nacional Republicana (2015). *Manual do Curso de Investigação e de Apoio a Vítimas Específicas*, Lisboa.
- http://www.cmjornal.xl.pt/mais_cm/estatuto_editorial/detalhe/estatuto_editorial.html acessido em 29 de Fevereiro de 2016.
- <http://www.serasaexperian.com.br/guiacontraviolencia/violencia.htm> acessido em 29 de Fevereiro de 2016.
- [https://pt.wikipedia.org/wiki/Correio_da_Manh%C3%A3_\(Portugal\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Correio_da_Manh%C3%A3_(Portugal)) acessido em 29 de Fevereiro de 2016.
- <https://www.cig.gov.pt/planos-nacionais-areas/violencia-domestica/> acessido em 01 de Abril de 2017
- http://www.umarfeminismos.org/images/stories/oma/2016/Relat%C3%B3rio_Final_OMA_2016.pdf, acessido em 30 de janeiro de 2018
- Karam, F. (2004). *A ética jornalística e o interesse público*. São Paulo: Summus Editorial.
- Karam, F. (2005). *O presente possível do jornalismo*. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 2, n. 2.
- Kovach, B., & Rosentiel, T. (2004). *Os Elementos do Jornalismo*. Porto: Porto Editora
- Lang, K. & Lang, G. (1955). *Los mass-media y las elecciones*. In MORAGAS, M. (1986). *Sociologia de la comunicación de masas III. Propaganda política y opinión pública*. Barcelona: Gustavo Gili, 66-94

- Lasswell, H. (1948). *Estructura y función de la comunicación en la sociedade*. In MORAGAS, M. (1985). *Sociologia de la comunicación de masas II. Estructura, funciones y efectos*. Barcelona: Gustavo Gili, 51-68
- Lippman, W. (1922). *Public Opinion*. New York: Hartcourt Brace Jovanovitch.
- Machado, C. & Gonçalves, R. (2003). *Violência e Vítimas de Crimes*. Coimbra: Quarteto.
- McCombs, M. & Shaw, D. (1972). *The agenda-setting function of mass media*. *Public Opinion Quartely*, 36: 176-187
- McQuail, D. (1991). *Introducción a la teoria de la comunicación de masas*. 2ª edición revisada y ampliada. Barcelona: Paidós
- Molotch, H., & Lester, M. (1974). *News as purposive behavior: On the strategic use of routine events, accidents, and scandals*. *American sociological review*, 101-112.
- Montero, M. (1993). *La información periodística y su influencia social*. Barcelona: Labor
- Neveu, É. (2003). *Sociologia do Jornalismo*. Porto: Porto Editora
- Organização Mundial da Saúde (2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde*, Genebra.
- Golding, P. & Elliot, P., in WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*, p. 174
- Park, R. (1939). *Reflections on communication and culture*. In BERELSON, B & JANOWITZ, M (eds.) (1966). *Reader in Public Opinion and Communication*. New York: The Free Press: 167-190
- Quivy, R. & Van Campenhoudt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Resolução do Conselho de Ministros n.º 55/1999, de 15JUN – aprova o I Plano Nacional Contra a Violência Doméstica (1999-2002).
- Rodrigues dos Santos, J. (1992). *O Que É Comunicação*. Lisboa: Difusão Cultural
- Rodrigues, A. (1988). *O acontecimento. Comunicação e Linguagens*. Lisboa: 8: 9-15
- Rosmaninho, T. (2005). *Violência doméstica manual para os media: informar para mudar*. <http://manualmediavd.blogspot.pt/2005/03/violncia-domstica-e-os-media.html>
acedido em 2 de Março de 2016
- Santo, P. (2010). *Introdução à Metodologia das Ciências Sociais – Génesis, Fundamentos e Problemas*. Lisboa. Edições Sílabo, Lda.

- Saperas, E. (1993). *Os efeitos Cognitivos de Massas*. Porto: Asa
- Schudson, M. (1988). *Porque é que as notícias são como são*. Comunicação e Linguagens, 8, 17-27.
- Schutz, A. & Luckman, T. (1973). *Las estructuras del mundo de la vida*. Buenos Aires: Amorrortu
- Shoemaker, P., & Reese, S. (1996). *"Mediating the message White Plains."* NY: Longman.
- Sistema de Segurança Interna [SSI] (2016). Relatório Anual de Segurança Interna. Lisboa: SSI
- Stephens, M. (1988), *History of News: From the Drum to the Satellite*. Nova Iorque: Viking Press
- Traquina, N. (2000), *O Poder do Jornalismo: Análise e textos da teoria do agendamento*. Coimbra: Livraria Minerva Editora
- Traquina, N. (2001), *O Jornalismo Português em Análise de Casos*. Lisboa: Editorial Caminho
- Traquina, N. (2004), *A Tribo Jornalística: uma comunidade transnacional*. Lisboa: Notícias Editorial.
- Tuchman, G. (1978), *A Study in the Construction of Reality*. New York: The Free Press.
- Vilelas, J. (2009), *Investigação – O Processo de Construção do Conhecimento*. Lisboa: Edições Sílabo, Lda.

Anexo 1 – Pedido de Entrevista a Instituições (APAV; CIG; UMAR)

14/06/17

Sou Oficial da Guarda Nacional Republicana, com o posto de Tenente-Coronel, e entre outras funções sou Chefe da Secção de Informações e Investigação Criminal do Comando Territorial de Portalegre. Tenho, por isso, à minha responsabilidade, o Núcleo de Investigação e de Apoio a Vítimas Específicas.

No âmbito do Mestrado de Jornalismo, Comunicação e Cultura que estou a frequentar na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Portalegre, encontro-me a elaborar uma Dissertação de Mestrado subordinada ao tema “OS MEDIA E A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA – UMA ANÁLISE À COBERTURA NOTICIOSA DA IMPRENSA PORTUGUESA”.

Em Portugal o crime de violência doméstica assume particular relevância, visto que de acordo com o Relatório Anual de Segurança Interna de 2015, este crime é o quarto mais participado em Portugal. (Sistema de Segurança Interna [SSI], 2015)

Por outro lado, as notícias são socialmente relevantes, especialmente nas sociedades democráticas, onde o acesso à informação, mais do que um direito, pode ser entendido como uma necessidade que emana dos próprios fundamentos do sistema. Mais ainda, as notícias são referentes sobre a realidade social que participam nessa mesma realidade social e que contribuem para a construção de imagens dessa realidade social. Ora, se as notícias são socialmente relevantes, o jornalismo não o poderia deixar de o ser, pois, em certa medida, a atividade jornalística contribui, por exemplo, para a existência pública de grande parte das notícias, para a construção de significações sobre acontecimentos e ideias e para o agendamento de temas na lista de preocupações do público. Assim, podemos concluir que o jornalismo é, de facto, socialmente relevante, apesar das mudanças de paradigmas, da diluição de fronteiras entre as atividades comunicacionais e das vicissitudes do exercício profissional, que os debates ético-deontológicos sobre sensacionalismo, violência, relação entre jornalistas e fontes de acesso socialmente estratificado aos meios de comunicação, entre outros, contribuíram para relançar. (in Sousa, 2000: 207)

E é com este enquadramento que esta dissertação de mestrado procurará concluir de que forma as notícias de violência doméstica podem contribuir para a divulgação do fenómeno e,

consequentemente, funcionar por um lado como prevenção deste tipo de criminalidade e, por outro lado, ajudar a formar consciências.

Para o efeito, realizei uma análise às notícias de violência doméstica publicadas nos primeiros 3 meses do ano no Jornais *Correio da Manhã*, *Público* e *Expresso*, e na *Revista Sábado*.

E pretendo, também, perceber qual a perceção que os principais responsáveis nesta área, do Jornalismo, mas também das organizações que se dedicam a “combater” a violência doméstica, analisam o fenómeno e de que forma entendem que o jornalismo pode contribuir para reduzir o número de crimes de violência doméstica e para formar consciências.

Venho, por isso, solicitar a V/Ex.^a que aceite participar numa entrevista no âmbito da presente Dissertação de Mestrado, em data e local a combinar.

Caso autorize, para facilidade de tratamento, a entrevista será gravada (caso seja presencial) e as informações recolhidas serão utilizadas exclusivamente para o estudo no âmbito da presente dissertação de mestrado.

Preferencialmente, pretendo que a entrevista seja presencial, mas se tal não for possível poderá ser feita via online.

A sua participação é essencial para este trabalho, pelo que peço a V/Ex.^a a maior atenção para este assunto.

Com os meus melhores cumprimentos,

José Moisés

30/09/17

Exmo(a). Sr(a).,

Passados mais de dois meses após o envio do e-mail infra, venho novamente insistir junto de V/Ex.^a, para solicitar que aceite participar numa entrevista no âmbito da presente dissertação de Mestrado, em data e local a combinar.

Para melhor esclarecimento, anexo o guião da entrevista.

A sua participação é essencial para este trabalho, pelo que peço a V/Ex.^a a maior atenção para este assunto.

Com os meus melhores cumprimentos,

José Moisés

Anexo 2 – Pedido de Entrevista a OCS (*Correio da Manhã; Público; Expresso; Sábado*)

14/06/17

No âmbito do Mestrado de Jornalismo, Comunicação e Cultura que estou a frequentar na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Portalegre, encontro-me a elaborar uma Dissertação de Mestrado subordinada ao tema “OS MEDIA E A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA – UMA ANÁLISE À COBERTURA NOTICIOSA DA IMPRENSA PORTUGUESA”.

Em Portugal o crime de violência doméstica assume particular relevância, visto que de acordo com o Relatório Anual de Segurança Interna de 2015, este crime é o quarto mais participado em Portugal. (Sistema de Segurança Interna [SSI], 2015)

Por outro lado, as notícias são socialmente relevantes, especialmente nas sociedades democráticas, onde o acesso à informação, mais do que um direito, pode ser entendido como uma necessidade que emana dos próprios fundamentos do sistema. Mais ainda, as notícias são referentes sobre a realidade social que participam nessa mesma realidade social e que contribuem para a construção de imagens dessa realidade social. Ora, se as notícias são socialmente relevantes, o jornalismo não o poderia deixar de o ser, pois, em certa medida, a atividade jornalística contribui, por exemplo, para a existência pública de grande parte das notícias, para a construção de significações sobre acontecimentos e ideias e para o agendamento de temas na lista de preocupações do público. Assim, podemos concluir que o jornalismo é, de facto, socialmente relevante, apesar das mudanças de paradigmas, da diluição de fronteiras entre as atividades comunicacionais e das vicissitudes do exercício profissional, que os debates ético-deontológicos sobre sensacionalismo, violência, relação entre jornalistas e fontes de acesso socialmente estratificado aos meios de comunicação, entre outros, contribuíram para relançar. (in Sousa, 2000: 207)

E é com este enquadramento que esta dissertação de mestrado procurará concluir de que forma as notícias de violência doméstica podem contribuir para a divulgação do fenómeno e, conseqüentemente, funcionar por um lado como prevenção deste tipo de criminalidade e, por outro lado, ajudar a formar consciências.

Para o efeito, realizei uma análise às notícias de violência doméstica publicadas nos primeiros 3 meses do ano no Jornais *Correio da Manhã*, *Público* e *Expresso*, e na *Revista Sábado*.

E pretendo, também, perceber qual a percepção que os principais responsáveis nesta área, do Jornalismo, mas também das organizações que se dedicam a “combater” a violência doméstica, analisam o fenómeno e de que forma entendem que o jornalismo pode contribuir para reduzir o número de crimes de violência doméstica e para formar consciências.

Venho, por isso, solicitar a V/Ex.^a que aceite participar numa entrevista no âmbito da presente Dissertação de Mestrado, em data e local a combinar.

Caso autorize, para facilidade de tratamento, a entrevista será gravada (caso seja presencial) e as informações recolhidas serão utilizadas exclusivamente para o estudo no âmbito da presente dissertação de mestrado.

Preferencialmente, pretendo que a entrevista seja presencial, mas se tal não for possível poderá ser feita via online.

A sua participação é essencial para este trabalho, pelo que peço a V/Ex.^a a maior atenção para este assunto.

Com os meus melhores cumprimentos,

José Moisés

30/09/17

Exmo(a). Sr(a).,

Passados mais de dois meses após o envio do e-mail infra, venho novamente insistir junto de V/Ex.^a, para solicitar que aceite participar numa entrevista no âmbito da presente dissertação de Mestrado, em data e local a combinar.

Para melhor esclarecimento, anexo o guião da entrevista.

A sua participação é essencial para este trabalho, pelo que peço a V/Ex.^a a maior atenção para este assunto.

Com os meus melhores cumprimentos,

José Moisés

Anexo 3 – Guião de Entrevista a Instituições (APAV; CIG; UMAR)

Caracterização dos entrevistados	Idade do entrevistado Formação Percurso Profissional Atual local de trabalho Condição e cargo desempenhado
Caracterização da instituição	Características da atividade Trabalho desenvolvido na área da violência doméstica Principais objetivos a atingir pela instituição
Perceção como a instituição avalia as notícias sobre violência doméstica	Perceber se a instituição acompanha a cobertura noticiosa da imprensa portuguesa no tocante à violência doméstica, assim como de que forma estas notícias podem servir para que a sociedade esteja mais desperta e consciencializada para este fenómeno. E, ainda, aquilatar se notícias de violência doméstica podem ter como efeito que as vítimas se sintam mais seguras e denunciem os crimes sobre elas cometidos. Perceber se consideram que os vários tipos de violência doméstica são tratados do mesmo modo.
Perceção sobre o jornalismo de violência doméstica	Avaliar de que forma os OCS estão a dar a cobertura noticiosa que este fenómeno merece, bem como estão a abordar o mesmo. A questão deontológica. Podendo falar-se que estas notícias são sensacionalistas, o que pensam sobre este aspeto.

Anexo 4 – Guião de Entrevista a OCS (*Correio da Manhã; Público; Expresso; Sábado*)

Caracterização dos entrevistados	Idade do entrevistado Formação Percurso Profissional Atual local de trabalho Condição e cargo desempenhado
Perceção sobre notícias de violência doméstica	Características das notícias Pontos divergentes com notícias de outras temáticas Constrangimentos na produção deste tipo de notícias O que os jornalistas percecionam acerca das fontes de informação. Ou seja, será que acham que dão voz a todos de igual forma?
Perceção da importância de notícias de violência doméstica	De que forma estas notícias podem servir para que a sociedade esteja mais desperta e consciencializada para este fenómeno. E, ainda, aquilatar se notícias de violência doméstica podem ter como efeito que as vítimas se sintam mais seguras e denunciem os crimes sobre elas cometidos.
Perceção sobre o jornalismo de violência doméstica	Avaliar de que forma os OCS estão a dar a cobertura noticiosa que este fenómeno merece, bem como estão a abordar o mesmo. A questão deontológica. Podendo falar-se que estas notícias são sensacionalistas, o que pensam os jornalistas sobre este aspeto.

Anexo 5 – Quadros registo recolha dados análise notícias violência doméstica nos OCS

Quadro I - Itens sobre Violência Doméstica publicados no Correio da Manhã

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
dez/16	1		1			1	1			1	1		1				1	1		2	2	2		1						1	17	
jan/17	1			1	1	2	2	2	1	1	1	1	1	1		1		1		1	2	1	1	1	1			1		1		26
fev/17				1	1				2		1					1	1	1				1						1				10
TOTAL	2	0	1	2	2	3	3	2	3	2	3	1	2	1	0	2	2	3	0	3	4	4	1	2	1	0	0	2	0	1	1	53

Quadro II - Itens sobre Violência Doméstica publicados no Público

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL	
dez/16							1									1			1										1		4		
jan/17														1																		1	
fev/17							1																									1	
TOTAL	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	6

Quadro III - Itens sobre Violência Doméstica publicados no Expresso

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
dez/16																	1															1
jan/17																																0
fev/17																																0
TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1

Quadro IV - Itens sobre Violência Doméstica publicados na Revista Sábado

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
dez/16																																0
jan/17																																0
fev/17																																0
TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Quadro V - Total Itens sobre Violência Doméstica publicados no Correio da Manhã, Público, Expresso e Revista Sábado

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL	
dez/16	1	0	1	0	0	1	2	0	0	1	1	0	1	0	0	1	2	1	1	2	2	2	0	1	0	0	0	0	0	1	1	22	
jan/17	1	0	0	1	1	2	2	2	1	1	1	1	1	2	0	1	0	1	0	1	2	1	1	1	1	1	0	0	1	0	1	0	27
fev/17	0	0	0	1	1	0	1	0	2	0	1	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	11	
TOTAL	2	0	1	2	2	3	5	2	3	2	3	1	2	2	0	3	3	3	1	3	4	4	1	2	1	0	0	2	0	2	1	60	

Quadro VI - 1ª Página no Correio da Manhã no mês DEC16

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL	
Sim																					1											1	
Não		1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	30
TOTAL	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	31	

Quadro VII - 1ª Página no Correio da Manhã no mês JAN17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
Sim				1	1	1	1	1	1				1																			7
Não	1	1	1							1	1	1		1	1	1	1	1	1		1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	23
TOTAL	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	30

Quadro VIII - 1ª Página no Correio da Manhã no mês FEV17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
Sim				1																												1
Não		1	1	1		1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		1	1	1	1	1	1	1	1				26
TOTAL	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	0	27

Quadro IX - Total 1ª Página no Correio da Manhã nos meses DEC16/JAN17/FEV17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
Sim	0	0	0	2	1	1	1	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	9
Não	3	3	3	1	2	2	2	2	2	3	3	3	2	3	3	3	3	3	3	0	3	3	3	3	3	3	3	3	2	2	2	79
TOTAL	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	1	3	3	3	3	3	3	3	3	2	2	2	88

Quadro X - 1ª Página no Público no mês DEC16

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL	
Sim																																	0
Não	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	31
TOTAL	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	31	

Quadro XI - 1ª Página no Público no mês JAN17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
Sim															1																	1
Não	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	30
TOTAL	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	31	

Quadro XII - 1ª Página no Público no mês FEV17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL	
Sim																																	0
Não	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1				28	
TOTAL	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	0	28	

Quadro XIII - Total 1ª Página no Público nos meses DECI6/JANI7/FEVI7

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
Sim	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Não	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	2	2	89
TOTAL	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	2	2	90	

Quadro XIV - 1ª Página no Expresso no mês DECI6

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
Sim																																0
Não	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	31
TOTAL	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	31	

Quadro XV - 1ª Página no Expresso no mês JANI7

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
Sim																																0
Não	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	31
TOTAL	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	31	

Quadro XVI - 1ª Página no Expresso no mês FEVI7

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
Sim																																0
Não	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1				28
TOTAL	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	0	28

Quadro XVII - Total 1ª Página no Expresso nos meses DEC16/JAN17/FEV17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
Sim	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Não	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	2	2	90
TOTAL	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	2	2	90	

Quadro XVIII - 1ª Página na Revista Sábado no mês DEC16

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
Sim																																0
Não	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	31
TOTAL	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	31	

Quadro XIX - 1ª Página na Revista Sábado no mês JAN17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
Sim																																0
Não	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	31
TOTAL	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	31	

Quadro XX - 1ª Página na Revista Sábado no mês FEV17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
Sim																																0
Não	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1				28
TOTAL	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	0	28

Quadro XXI - Total 1ª Página na Revista Sábado nos meses DEC16/JAN17/FEV17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL	
Sim	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Não	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	2	2	90	
TOTAL	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	2	2	90	

Quadro XXII - Total 1ª Página no Correio da Manhã, Público, Expresso e Revista Sábado no mês DEC16

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
Sim	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Não	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	123
TOTAL	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	124

Quadro XXIII - Total 1ª Página no Correio da Manhã, Público, Expresso e Revista Sábado no mês JAN17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
Sim	0	0	0	1	1	1	1	1	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	8
Não	4	4	4	3	3	3	3	3	3	4	4	4	3	3	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	115	
TOTAL	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	123	

Quadro XXIV - Total 1ª Página no Correio da Manhã, Público, Expresso e Revista Sábado no mês FEV17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
Sim	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Não	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Quadro XXV - Total 1ª Página no Correio da Manhã, Público, Expresso e Revista Sábado no mês DEC16/JAN17/FEV17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
Sim	0	0	0	1	1	1	1	1	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	9	
Não	8	8	8	7	7	7	7	7	7	8	8	8	7	7	8	8	8	8	8	6	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	238	
TOTAL	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	7	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	247	

Quadro XXVI - Tipo 1ª Página no Correio da Manhã no mês DEC16

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
Manchete																																0
Manchete c/ foto																																0
Falsa manchete																																0
Falsa manchete c/ foto																					1											1
Destques																																0
TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1

Quadro XXVII - Tipo 1ª Página no Correio da Manhã no mês JAN17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
Manchete																																0
Manchete c/ foto				1			1																									2
Falsa manchete																																0
Falsa manchete c/ foto					1	1																										2
Destques							1	1					1																			3
TOTAL	0	0	0	1	1	1	1	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	7

Quadro XXVIII - Tipo 1ª Página no Correio da Manhã no mês FEV17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL	
Manchete																																0	
Manchete c/ foto																																	0
Falsa manchete																																	0
Falsa manchete c/ foto																																	0
Destaques				1																													1
TOTAL	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	

Quadro XXIX - Total Tipo 1ª Página no Correio da Manhã nos meses DEC16/JAN17/FEV17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
Manchete	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Manchete c/ foto	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Falsa manchete	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Falsa manchete c/ foto	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
Destaques	0	0	0	1	0	0	0	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4
TOTAL	0	0	0	2	1	1	1	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	9

Quadro XXX - Tipo 1ª Página no Público no mês DEC16

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL	
Manchete																																0	
Manchete c/ foto																																	0
Falsa manchete																																	0
Falsa manchete c/ foto																																	0
Destaques																																	0
TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	

Quadro XXXI - Tipo 1ª Página no Público no mês JAN17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL	
Manchete																																0	
Manchete c/ foto																																0	
Falsa manchete																																0	
Falsa manchete c/ foto																																0	
Destaques														1																		1	
TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1

Quadro XXXII - Tipo 1ª Página no Público no mês FEV17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL	
Manchete																																0	
Manchete c/ foto																																0	
Falsa manchete																																0	
Falsa manchete c/ foto																																0	
Destaques																																0	
TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Quadro XXXIII - Total Tipo 1ª Página no Público nos meses DEC16/JAN17/FEV17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
Manchete	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Manchete c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Falsa manchete	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Falsa manchete c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Destques	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Quadro XXXIV - Tipo 1ª Página no Expresso no mês DEC16

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL	
Manchete																																	
Manchete c/ foto																																	
Falsa manchete																																	
Falsa manchete c/ foto																																	
Destques																																	
TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	

Quadro XXXV - Tipo 1ª Página no Expresso no mês JAN17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
Manchete																															0	
Manchete c/ foto																															0	
Falsa manchete																															0	
Falsa manchete c/ foto																															0	
Destaques																															0	
TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Quadro XXXVI - Tipo 1ª Página no Expresso no mês FEV17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL	
Manchete																															0		
Manchete c/ foto																															0		
Falsa manchete																															0		
Falsa manchete c/ foto																															0		
Destaques																															0		
TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Quadro XXXVII - Total Tipo 1ª Página no Expresso nos meses DEC16/JAN17/FEV17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL	
Manchete	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Manchete c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Falsa manchete	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Falsa manchete c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Destques	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Quadro XXXVIII - Tipo 1ª Página na Revista Sábado no mês DEC16

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL		
Manchete																																	0	
Manchete c/ foto																																		0
Falsa manchete																																		0
Falsa manchete c/ foto																																		0
Destques																																		0
TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	

Quadro XXXIX - Tipo 1ª Página na Revista Sábado no mês JAN17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
Manchete																															0	
Manchete c/ foto																															0	
Falsa manchete																															0	
Falsa manchete c/ foto																															0	
Destaques																															0	
TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Quadro XL - Tipo 1ª Página na Revista Sábado no mês FEV17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
Manchete																															0	
Manchete c/ foto																															0	
Falsa manchete																															0	
Falsa manchete c/ foto																															0	
Destaques																															0	
TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Quadro XLI - Total Tipo 1ª Página na Revista Sábado nos meses DEC16/JAN17/FEV17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL	
Manchete	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Manchete c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Falsa manchete	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Falsa manchete c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Destques	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Quadro XLII - Total Tipo 1ª Página no Correio da Manhã, Público, Expresso e Revista Sábado no mês DEC16

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL	
Manchete	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Manchete c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Falsa manchete	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Falsa manchete c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Destques	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Quadro XLIII - Total Tipo 1ª Página no Correio da Manhã, Público, Expresso e Revista Sábado no mês JAN17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL	
Manchete	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Manchete c/ foto	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Falsa manchete	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Falsa manchete c/ foto	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Destques	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4
TOTAL	0	0	0	1	1	1	1	1	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	8

Quadro XLIV - Total Tipo 1ª Página no Correio da Manhã, Público, Expresso e Revista Sábado no mês FEV17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL	
Manchete	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Manchete c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Falsa manchete	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Falsa manchete c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Destques	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Quadro XLV - Total Tipo 1ª Página no Correio da Manhã, Público, Expresso e Revista Sábado no mês DEC16/JAN17/FEV17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL	
Manchete	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Manchete c/ foto	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Falsa manchete	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Falsa manchete c/ foto	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
Destques	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4
TOTAL	0	0	0	1	1	1	1	1	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	9

Quadro XLVI - Género Jornalístico no Correio da Manhã no mês DEC16

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL	
Notícia										1						1																	3
Notícia c/ foto																							2		1								3
Reportagem																																	0
Reportagem c/ foto																							1							1			2
Entrevista																																	0
Entrevista c/ foto																																	0
Breve					1		1				1		1		1						1		1	2									
Breve c/ foto																																	0
TOTAL					1	0	1	0	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0	2	2	2	0	1	0	0	0	0	0	1	17

Quadro XLVII - Género Jornalístico no Correio da Manhã no mês JAN17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL	
Notícia					1		1				1			1				1						1				1				7	
Notícia c/ foto					1		1		1	1	1									1			1	1					1			9	
Reportagem																																0	
Reportagem c/ foto					1		1					1	1																			4	
Entrevista																																0	
Entrevista c/ foto																																0	
Breve					1											1					1				1							0	
Breve c/ foto																																0	
TOTAL	0	1	0	1	2	0	3	0	1	1	2	1	1	1	0	1	0	1	0	1	1	1	1	1	1	1	0	0	1	0	1	0	24

Quadro XLVIII - Género Jornalístico no Correio da Manhã no mês FEV17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL	
Notícia																1	1	1														3	
Notícia c/ foto				1	1				2		1											1						1				7	
Reportagem																																0	
Reportagem c/ foto																																0	
Entrevista																																0	
Entrevista c/ foto																																0	
Breve																																0	
Breve c/ foto																																0	
TOTAL	0	0	0	1	1	0	0	0	2	0	1	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	10

Quadro XLIX - Total Género Jornalístico no Correio da Manhã nos meses DEC16/JAN17/FEV17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
Notícia	0	0	0	0	1	2	1	1	0	0	0	0	1	1	0	1	1	3	0	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	15
Notícia c/ foto	0	0	0	1	1	1	1	0	3	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	4	1	1	0	0	0	1	0	1	0	19
Reportagem	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Reportagem c/ foto	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	6
Entrevista	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Entrevista c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Breve	2	0	1	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	0	0	1	3	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	13
Breve c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	2	0	1	2	2	3	3	2	3	2	3	1	2	1	0	2	2	3	0	3	4	4	1	2	1	0	0	2	0	1	1	53

Quadro L - Género Jornalístico no Público no mês DEC16

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL	
Notícia																																	0
Notícia c/ foto							1										1												1				3
Reportagem																																	0
Reportagem c/ foto															1																		1
Entrevista																																	0
Entrevista c/ foto																																	0
Breve																																	
Breve c/ foto																																	0
TOTAL	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	4	

Quadro LI - Género Jornalístico no Público no mês JAN17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL		
Notícia																																	0	
Notícia c/ foto																																		0
Reportagem																																		0
Reportagem c/ foto														1																				1
Entrevista																																		0
Entrevista c/ foto																																		0
Breve																																		
Breve c/ foto																																		0
TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	

Quadro LII - Género Jornalístico no Público no mês FEV17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL			
Notícia																																		0	
Notícia c/ foto							1																												1
Reportagem																																			0
Reportagem c/ foto																																			0
Entrevista																																			0
Entrevista c/ foto																																			0
Breve																																			
Breve c/ foto																																			0
TOTAL	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1		

Quadro LIII - Total Género Jornalístico no Público nos meses DEC16/JAN17/FEV17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
Notícia	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Notícia c/ foto	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	4
Reportagem	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Reportagem c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Entrevista	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Entrevista c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Breve	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Breve c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	6

Quadro LIV - Género Jornalístico no Expresso no mês DEC16

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL	
Notícia																																0	
Notícia c/ foto																																	0
Reportagem																	1															1	
Reportagem c/ foto																																0	
Entrevista																																0	
Entrevista c/ foto																																0	
Breve																																	0
Breve c/ foto																																	0
TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	

Quadro LV - Género Jornalístico no Expresso no mês JAN17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL		
Notícia																																	0	
Notícia c/ foto																																		0
Reportagem																																		0
Reportagem c/ foto																																		0
Entrevista																																		0
Entrevista c/ foto																																		0
Breve																																		
Breve c/ foto																																		0
TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	

Quadro LVI - Género Jornalístico no Expresso no mês FEV17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL		
Notícia																																	0	
Notícia c/ foto																																		0
Reportagem																																		0
Reportagem c/ foto																																		0
Entrevista																																		0
Entrevista c/ foto																																		0
Breve																																		
Breve c/ foto																																		0
TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	

Quadro LVII - Total Género Jornalístico no Expresso nos meses DEC16/JAN17/FEV17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL	
Notícia	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Notícia c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Reportagem	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Reportagem c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Entrevista	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Entrevista c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Breve	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Breve c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1

Quadro LVIII - Género Jornalístico na Revista Sábado no mês DEC16

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL		
Notícia																																	0	
Notícia c/ foto																																		0
Reportagem																																		0
Reportagem c/ foto																																		0
Entrevista																																		0
Entrevista c/ foto																																		0
Breve																																		0
Breve c/ foto																																		0
TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	

Quadro LIX - Género Jornalístico na Revista Sábado no mês JAN17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL		
Notícia																																	0	
Notícia c/ foto																																		0
Reportagem																																		0
Reportagem c/ foto																																		0
Entrevista																																		0
Entrevista c/ foto																																		0
Breve																																		0
Breve c/ foto																																		0
TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Quadro LX - Género Jornalístico na Revista Sábado no mês FEV17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL			
Notícia																																		0	
Notícia c/ foto																																			0
Reportagem																																			0
Reportagem c/ foto																																			0
Entrevista																																			0
Entrevista c/ foto																																			0
Breve																																			0
Breve c/ foto																																			0
TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	

Quadro LXI - Total Género Jornalístico na Revista Sábado nos meses DEC16/JAN17/FEV17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL		
Notícia	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Notícia c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Reportagem	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Reportagem c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Entrevista	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Entrevista c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Breve	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Breve c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Quadro LXII - Total Género Jornalístico no Correio da Manhã, Público, Expresso e Revista Sábado no mês DEC16

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL	
Notícia	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
Notícia c/ foto	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2	0	1	0	0	0	0	0	1	0	6	
Reportagem	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Reportagem c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	3
Entrevista	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Entrevista c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Breve	1	0	1	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Breve c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	1	0	1	0	0	1	2	0	0	1	1	0	1	0	0	1	2	1	1	2	2	2	0	1	0	0	0	0	0	1	1	22	

Quadro LXIII - Total Género Jornalístico no Correio da Manhã, Público, Expresso e Revista Sábado no mês JAN17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
Notícia	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	9
Notícia c/ foto	0	0	0	0	0	1	1	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	9
Reportagem	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Reportagem c/ foto	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5
Entrevista	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Entrevista c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Breve	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Breve c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	1	0	0	1	1	2	2	2	1	1	1	1	1	2	0	1	0	1	0	1	2	1	1	1	1	0	0	1	0	1	0	27

Quadro LXIV - Total Género Jornalístico no Correio da Manhã, Público, Expresso e Revista Sábado no mês FEV17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
Notícia	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
Notícia c/ foto	0	0	0	1	1	0	1	0	2	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	8
Reportagem	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Reportagem c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Entrevista	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Entrevista c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Breve	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Breve c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	0	0	0	1	1	0	1	0	2	0	1	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	11

Quadro LXV - Total Género Jornalístico no Correio da Manhã, Público, Expresso e Revista Sábado no mês DEC16/JAN17/FEV17

Dia / Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL
Notícia	0	0	0	0	1	2	1	1	0	0	0	0	1	1	0	1	1	3	0	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	15
Notícia c/ foto	0	0	0	1	1	1	3	0	3	1	2	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	4	1	1	0	0	0	1	0	2	0	23
Reportagem	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Reportagem c/ foto	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	1	1	1	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	8
Entrevista	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Entrevista c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Breve	2	0	1	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	0	0	1	3	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	13
Breve c/ foto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	2	0	1	2	2	3	5	2	3	2	3	1	2	2	0	3	3	3	1	3	4	4	1	2	1	0	0	2	0	2	1	60

Quadro LXVI - Tipo VD versus Tratamento Jornalístico Correio da Manhã no mês DEC16

Tipos Violência Doméstica	TOTAL DEZEMBRO 2016					
	Tratamento Jornalístico					
	1ª Página	Notícia	Reportagem	Entrevista	Breve	TOTAL
Física	0	5	3	0	5	13
Psicológica / Emocional	0	1	0	0	1	2
Social	0	1	0	0	1	2
Verbal	0	1	0	0	1	2
Financeira / Económica	0	0	0	0	1	1
Destruição Propriedade	0	0	0	0	1	1
TOTAL	0	8	3	0	10	21

Quadro LXVII - Tipo VD versus Tratamento Jornalístico Correio da Manhã no mês JAN17

Tipos Violência Doméstica	TOTAL JANEIRO 2017					
	Tratamento Jornalístico					
	1ª Página	Notícia	Reportagem	Entrevista	Breve	TOTAL
Física	0	11	3	0	1	15
Psicológica / Emocional	0	1	1	0	0	2
Social	0	1	1	0	0	2
Verbal	0	1	1	0	1	3
Financeira / Económica	0	1	1	0	0	2
Destruição Propriedade	0	1	1	0	0	2
TOTAL	0	16	8	0	2	26

Quadro LXVIII - Tipo VD versus Tratamento Jornalístico Correio da Manhã no mês FEV17

Tipos Violência Doméstica	TOTAL FEVEREIRO 2017					
	Tratamento Jornalístico					
	1ª Página	Notícia	Reportagem	Entrevista	Breve	TOTAL
Física	0	9	0	0	0	9
Psicológica / Emocional	0	1	0	0	0	1
Social	0	1	0	0	0	1
Verbal	0	1	0	0	0	1
Financeira / Económica	0	1	0	0	0	1
Destruição Propriedade	0	1	0	0	0	1
TOTAL	0	14	0	0	0	14

Quadro LXIX - Tipo VD versus Tratamento Jornalístico Correio da Manhã no mês DEC16/JAN17/FEV17

Tipos Violência Doméstica	TOTAL DEZEMBRO16/JANEIRO/FEVEREIRO 2017					
	Tratamento Jornalístico					
	1ª Página	Notícia	Reportagem	Entrevista	Breve	TOTAL
Física	0	25	6	0	6	37
Psicológica / Emocional	0	3	1	0	1	5
Social	0	3	1	0	1	5
Verbal	0	3	1	0	2	6
Financeira / Económica	0	2	1	0	1	4
Destruição Propriedade	0	2	1	0	1	4
TOTAL	0	38	11	0	12	61

Quadro LXX - Tipo VD versus Tratamento Jornalístico Público no mês DEC16

Tipos Violência Doméstica	TOTAL DEZEMBRO 2016					
	Tratamento Jornalístico					
	1ª Página	Notícia	Reportagem	Entrevista	Breve	TOTAL
Física	0	1	0	0	0	1
Psicológica / Emocional	0	1	0	0	0	1
Social	0	1	0	0	0	1
Verbal	0	1	0	0	0	1
Financeira / Económica	0	1	0	0	0	1
Destruição Propriedade	0	1	0	0	0	1
TOTAL	0	6	0	0	0	6

Quadro LXXI - Tipo VD versus Tratamento Jornalístico Público no mês JAN17

Tipos Violência Doméstica	TOTAL JANEIRO 2017					
	Tratamento Jornalístico					
	1ª Página	Notícia	Reportagem	Entrevista	Breve	TOTAL
Física	0	1	0	0	0	1
Psicológica / Emocional	0	1	0	0	0	1
Social	0	1	0	0	0	1
Verbal	0	1	0	0	0	1
Financeira / Económica	0	1	0	0	0	1
Destruição Propriedade	0	1	0	0	0	1
TOTAL	0	6	0	0	0	6

Quadro LXXII - Tipo VD versus Tratamento Jornalístico Público no mês FEV17

Tipos Violência Doméstica	TOTAL FEVEREIRO 2017					
	Tratamento Jornalístico					
	1ª Página	Notícia	Reportagem	Entrevista	Breve	TOTAL
Física	0	1	0	0	0	1
Psicológica / Emocional	0	0	0	0	0	0
Social	0	0	0	0	0	0
Verbal	0	0	0	0	0	0
Financeira / Económica	0	0	0	0	0	0
Destruição Propriedade	0	0	0	0	0	0
TOTAL	0	1	0	0	0	1

Quadro LXXIII - Tipo VD versus Tratamento Jornalístico Público no mês DEC16/JAN17/FEV17

Tipos Violência Doméstica	TOTAL DEZEMBRO 16/JANEIRO/FEVEREIRO 2017					
	Tratamento Jornalístico					
	1ª Página	Notícia	Reportagem	Entrevista	Breve	TOTAL
Física	0	3	0	0	0	3
Psicológica / Emocional	0	2	0	0	0	2
Social	0	2	0	0	0	2
Verbal	0	2	0	0	0	2
Financeira / Económica	0	2	0	0	0	2
Destruição Propriedade	0	2	0	0	0	2
TOTAL	0	13	0	0	0	13

Quadro LXXIV - Tipo VD versus Tratamento Jornalístico Expresso no mês DEC16

Tipos Violência Doméstica	TOTAL DEZEMBRO 2016					
	Tratamento Jornalístico					
	1ª Página	Notícia	Reportagem	Entrevista	Breve	TOTAL
Física	0	0	1	0	0	1
Psicológica / Emocional	0	0	1	0	0	1
Social	0	0	1	0	0	1
Verbal	0	0	1	0	0	1
Financeira / Económica	0	0	1	0	0	1
Destruição Propriedade	0	0	1	0	0	1
TOTAL	0	0	6	0	0	6

Quadro LXXV - Tipo VD versus Tratamento Jornalístico Expresso no mês JAN17

Tipos Violência Doméstica	TOTAL JANEIRO 2017					
	Tratamento Jornalístico					
	1ª Página	Notícia	Reportagem	Entrevista	Breve	TOTAL
Física	0	0	0	0	0	0
Psicológica / Emocional	0	0	0	0	0	0
Social	0	0	0	0	0	0
Verbal	0	0	0	0	0	0
Financeira / Económica	0	0	0	0	0	0
Destruição Propriedade	0	0	0	0	0	0
TOTAL	0	0	0	0	0	0

Quadro LXXVI - Tipo VD versus Tratamento Jornalístico Expresso no mês FEV17

Tipos Violência Doméstica	TOTAL FEVEREIRO 2017					
	Tratamento Jornalístico					
	1ª Página	Notícia	Reportagem	Entrevista	Breve	TOTAL
Física	0	0	0	0	0	0
Psicológica / Emocional	0	0	0	0	0	0
Social	0	0	0	0	0	0
Verbal	0	0	0	0	0	0
Financeira / Económica	0	0	0	0	0	0
Destruição Propriedade	0	0	0	0	0	0
TOTAL	0	0	0	0	0	0

Quadro LXXVII - Tipo VD versus Tratamento Jornalístico Expresso no mês DEC16/JAN/FEV17

Tipos Violência Doméstica	TOTAL DEZEMBRO 16/JANEIRO/FEVEREIRO 2017					
	Tratamento Jornalístico					
	1ª Página	Notícia	Reportagem	Entrevista	Breve	TOTAL
Física	0	0	1	0	0	1
Psicológica / Emocional	0	0	1	0	0	1
Social	0	0	1	0	0	1
Verbal	0	0	1	0	0	1
Financeira / Económica	0	0	1	0	0	1
Destruição Propriedade	0	0	1	0	0	1
TOTAL	0	0	6	0	0	6

Quadro LXXVIII - Tipo VD versus Tratamento Jornalístico Sábado no mês DEC16

Tipos Violência Doméstica	TOTAL DEZEMBRO 2016					
	Tratamento Jornalístico					
	1ª Página	Notícia	Reportagem	Entrevista	Breve	TOTAL
Física	0	0	0	0	0	0
Psicológica / Emocional	0	0	0	0	0	0
Social	0	0	0	0	0	0
Verbal	0	0	0	0	0	0
Financeira / Económica	0	0	0	0	0	0
Destruição Propriedade	0	0	0	0	0	0
TOTAL	0	0	0	0	0	0

Quadro LXXIX - Tipo VD versus Tratamento Jornalístico Sábado no mês JAN17

Tipos Violência Doméstica	TOTAL JANEIRO 2017					
	Tratamento Jornalístico					
	1ª Página	Notícia	Reportagem	Entrevista	Breve	TOTAL
Física	0	0	0	0	0	0
Psicológica / Emocional	0	0	0	0	0	0
Social	0	0	0	0	0	0
Verbal	0	0	0	0	0	0
Financeira / Económica	0	0	0	0	0	0
Destruição Propriedade	0	0	0	0	0	0
TOTAL	0	0	0	0	0	0

Quadro LXXX - Tipo VD versus Tratamento Jornalístico Sábado no mês FEV17

Tipos Violência Doméstica	TOTAL FEVEREIRO 2017					
	Tratamento Jornalístico					
	1ª Página	Notícia	Reportagem	Entrevista	Breve	TOTAL
Física	0	0	0	0	0	0
Psicológica / Emocional	0	0	0	0	0	0
Social	0	0	0	0	0	0
Verbal	0	0	0	0	0	0
Financeira / Económica	0	0	0	0	0	0
Destruição Propriedade	0	0	0	0	0	0
TOTAL	0	0	0	0	0	0

Quadro LXXXI - Tipo VD versus Tratamento Jornalístico Sábado no mês DEC16/JAN/FEV17

Tipos Violência Doméstica	TOTAL JANEIRO/FEVEREIRO/MARÇO 2017					
	Tratamento Jornalístico					
	1ª Página	Notícia	Reportagem	Entrevista	Breve	TOTAL
Física	0	0	0	0	0	0
Psicológica / Emocional	0	0	0	0	0	0
Social	0	0	0	0	0	0
Verbal	0	0	0	0	0	0
Financeira / Económica	0	0	0	0	0	0
Destruição Propriedade	0	0	0	0	0	0
TOTAL	0	0	0	0	0	0